

Outros estudos doutrinários que estão à disposição:

A Doutrina Bíblica da Igreja - Um estudo a respeito da igreja conforme o padrão do Novo Testamento, sem os acréscimos seculares, apontando as características bíblicas necessárias à autenticidade e firmeza de uma igreja de Cristo.

A Doutrina Bíblica do Espírito Santo - Muitas doutrinas que não são bíblicas têm entrado em nossos arraiais, levando igrejas a comportamentos completamente distanciados dos ensinamentos de Jesus. Esta revista contém estudos claros, objetivos, que auxiliam o crente sincero a se posicionar, sem obrigações, como um autêntico batista.

A Doutrina Bíblica da Evangelização - Nós batistas sempre fomos ardorosos defensores de uma evangelização autêntica, que aponta para a salvação eterna através do sacrifício de Jesus Cristo, para todos aqueles que crerem nele como Salvador. Estes são estudos que apontam a verdadeira missão da igreja, desperta o crente para a sua missão e traça diretrizes para uma evangelização autêntica.

Ligue agora e faça o seu pedido.
(021) 2403-0327
edvidaemcristo@gmail.com

Apresentação

Cresci em um lar de crentes batistas, converti-me em uma igreja batista, fui chamado para o ministério em uma igreja batista, estudei em um seminário batista e sinto ardor no coração por ser um crente batista.

Não é um ardor apenas por uma tradição cega, porque tive, na minha juventude, meus momentos de questionamento. Mas é um ardor que cresce cada vez mais e se arraiga com muita firmeza, sempre que me dedico ao estudo da História dos Batistas, observando a firmeza doutrinária dos nossos antepassados denominacionais, sempre fundamentada na Bíblia como Palavra de Deus inerrante e infalível.

É um ardor que tem me levado a buscar sempre uma interpretação correta das Escrituras, uma libertação de tradições não bíblicas que vão surgindo em nosso meio, que não pertencem nem mesmo à história dos batistas; que me tem levado a propagar com intensa obstinação os nossos princípios bíblicos.

O desejo ardente de divulgar os ensinamentos bíblicos tem sido abençoado por Deus, principalmente agora, quando tenho a oportunidade de colocar novamente ao alcance das igrejas batistas, estudos bíblicos escritos por um dos maiores defensores das doutrinas batistas, por ser, também, um dos maiores defensores da certeza de que a Bíblia é a Palavra de Deus e que deve ser tomada como única regra de fé e prática por todos quantos crêem em Jesus Cristo como Salvador e Senhor de suas vidas.

É, portanto, com intensa emoção que reeditamos Doutrinas Batistas I, de autoria do Pr. Delcyr de Souza Lima, na esperança de que continue sendo uma bênção nas mãos de Deus para a firmeza das igrejas batistas de nossa pátria.

Pr. Dinelcir de Souza Lima
Diretor Geral

Quem escreveu

O autor destes estudos, Pastor Delcyr de Souza Lima, converteu-se e foi batizado aos 15 anos, na Primeira Igreja Batista em Bangu, Rio de Janeiro, pelo Pastor Reynaldo Purim, grande doutrinador batista. Naquela igreja conheceu D. Dinalva, com quem foi casado 52 anos, e com quem teve cinco filhos, Delcinalva (Diretora Acadêmica do Seminário Teológico Batista Brasileiro), Dinelcir (Pastor da Igreja Batista Memorial de Bangu, Professor no Seminário Teológico Batista do Oeste Carioca, Diretor Geral de Edições Vida em Cristo, Coordenador de Educação Religiosa da Convenção Batista Carioca), Dilson (Diácono na Primeira Igreja Batista em São José do Rio Preto, São Paulo), Dalton (Pastor da Igreja Batista de Icaraí e Professor no Seminário Teológico Batista Brasileiro), e Denisson (membro da Igreja Batista de Icaraí).

Pastor há 55 anos, pastor emérito da Igreja Batista de Icaraí, Niterói, RJ e cooperante com a Igreja Batista Memorial de Bangu. Foi presidente da Convenção Batista Carioca por três mandatos, redator-chefe da Cada Publicadora Batista, professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Editor-Chefe na JUERP, Diretor-Executivo do Seminário Teológico Batista de Niterói, onde lecionou Teologia Bíblica do Novo Testamento, Teologia do Espírito Santo, Escatologia e Sociologia, e atualmente é Diretor Executivo do Seminário Teológico Batista Brasileiro. É graduado em Teologia, Ciências Jurídicas e Filosofia. É autor de diversas obras que o consagraram como um dos mais autênticos e firmes escritores dentre os batistas.

Conteúdo

Estudo 1	-	A Verdadeira Fé	3
Estudo 2	-	A Bíblia é A Palavra de Deus	7
Estudo 3	-	A Doutrina da Revelação	11
Estudo 4	-	A Doutrina de Deus	15
Estudo 5	-	Quem é Jesus Cristo?.....	19
Estudo 6	-	Jesus é o Nosso Perfeito Sumo Sacerdote	23
Estudo 7	-	A Doutrina do Espírito Santo	27
Estudo 8	-	A Doutrina do Homem	31
Estudo 9	-	O Pecado e a Depravação Humana	35
Estudo 10	-	A Doutrina da Salvação	39
Estudo 11	-	Redenção - Nossa Responsabilidade	43
Estudo 12	-	A Nova Vida em Cristo	47
Estudo 13	-	Recordando os Estudos	51

**Ser Batista é, acima de tudo,
ter Jesus Cristo como
Salvador e Senhor.**

Leia

QUEM É JESUS CRISTO?

**Ligue para
(021) 2403-0327**

**Ou escreva:
edvidaemcristo@gmail.com**

O crente tem o Espírito Santo desde o momento em que aceita a Jesus como Salvador. O batismo no Espírito Santo foi um fato histórico, acontecido como cumprimento da promessa divina. Como fato histórico não se repete mais, porém desse batismo emana virtude permanente, através de todos os tempos, para aquele que crê. Todos nós fomos batizados no Espírito Santo (1Cor 12.13). Devemos buscar ser cheios do Espírito Santo, perseverando no culto em espírito e em verdade (Ef 5.18-21).

8 - ADOUTRINADO HOMEM

O homem foi criado por Deus, com propósitos definidos, à sua imagem e semelhança (Gên 2.7-24). Deus criou um só homem e dele fez descender toda a raça humana (Atos 17.26). O homem tem dois elementos em sua natureza: o material e o espiritual. O propósito da criação e da existência do homem é a glorificação de Deus.

9 - O PECADO E A DEPRAVAÇÃO HUMANA

Por livre deliberação, o homem desobedeceu a Deus (Rom. 5.19,20) e adquiriu a natureza do pecado e foi se afastando de Deus e a depravação tomou conta da humanidade (Rom. 1.13 a 2.11). Não há um homem que não seja pecador (Rom 3.23) e Jesus é o Segundo Homem, que nunca pecou; é o nosso padrão que devemos procurar alcançar. A grande consequência do pecado é a separação de Deus. O remédio contra o pecado é Jesus. Ele se ma-

nifestou “para tirar o pecado do mundo” e “para desfazer as obras do diabo” (João 1.12; 1João 3.8).

10 - A DOUTRINA DA SALVAÇÃO

A salvação do pecador é o ato praticado pela misericórdia e pelo poder de Deus, que o resgata da dominação de Satanás e o transporta para o seu reino (Col 1.13). É dada mediante o arrependimento e a fé (Efésios 2.8). O preço da salvação é o sangue de Cristo (1Pedro 1.18-21).

11. REDENÇÃO: NOSSA RESPONSABILIDADE

Deus predestinou todos os homens para a salvação (Mat. 25.34). Tendo o homem se perdido pelo pecado, Deus providenciou a salvação e estabeleceu o único meio de salvação, Jesus Cristo; estabelece, também, o único meio de seleção para a salvação, crer em Jesus Cristo. Quem crê é salvo, quem não crê permanece na condenação (João 1.12; 3.16,18,19).

12 - ANOVA VIDA EM CRISTO

O crente é uma nova criatura (2Cor 5.17). Por isso tem que ter uma vida em tudo diferente da vida dos que estão nas trevas, sem salvação. Sua nova natureza o leva a evitar o pecado e a não se conformar com as coisas pecaminosas do mundo. Vai-se transformando à medida que cresce no conhecimento da vontade de Deus (Rom 12.2). Torna-se produtivo e cooperador de Deus na expansão do seu reino.

Estudo 1

A VERDADEIRA FÉ

Texto básico: Hebreus 11:1-40

A palavra fé pode ser tomada, pelo menos, em dois sentidos: o do exercício da vontade que se expressa em confiança na realidade de Deus e no cumprimento de suas promessas, e o do conjunto ou corpo de convicções doutrinárias que nos caracterizam como Denominação. Assim sendo, ao estudarmos "doutrinas batistas", o que estaremos fazendo é estudar o conjunto de convicções bíblicas que nos caracterizam. E a primeira doutrina desse conjunto, a ser estudada, é a doutrina da fé.

Que vem a ser fé? Quais os elementos essenciais da fé? Pode alguma pessoa praticar atos ou assumir posições que julgue ser de fé e estar enganada? De que modo se expressa a fé em relação às Escrituras quanto ao relato do passado e as promessas do futuro? Que influência exerce a fé em nós. quanto ao presente?

Fortaleceremos o conhecimento da razão da nossa esperança, do conjunto de ensinamentos religiosos que abraçamos, estudando questões como estas.

O QUE É FÉ

Fé é um estado da personalidade humana que consiste em firme

aceitação, sem qualquer sombra de dúvida, que uma pessoa faz à realidade de Deus, de sua Palavra como Revelação e às suas promessas contidas nessa revelação. Esse estado, de permanente atitude de reconhecimento e aceitação da pessoa de Deus e tudo que o envolve, surge da vontade humana, isto é, a pessoa para ter fé tem que deliberar crer.

Além da fé religiosa existe, também, a fé geral e a filosófica, que consistem na determinação da vontade para confiar em pessoas, em enunciados, em intenções, em conceitos, em ciências, em ideologias etc. Aliás, neste sentido podemos dizer que a fé é o elemento que permeia todos os atos da vida humana em seu relacionamento com as coisas e convivência com as pessoas. Exemplos: 1) Eu compro uma passagem de avião para um determinado lugar. Então, no dia marcado, na hora do vôo, compareço, tomo meu lugar, e sei que estou indo para aquele lugar, e não para outro completamente diferente. Ao entrar naquele avião, eu deliberei confiar num sistema que envolve proprietários, funcionários, instrumentos, pilotos etc. Quando tomo

meu lugar, confio que estou embarcando num avião que vai para aquele destino. 2) Se estou enfermo, vou ao médico e tomo os remédios que ele receitou. Não conheço ninguém do laboratório, não sei quem são as pessoas que inventaram ou manipularam aquela fórmula de medicamento, nem estou em condições de avaliar esses elementos químicos, mas aceitei voluntariamente tomá-lo, confiando em todo o sistema de fabricação. Isso é um tipo de fé.

Nesta série de estudos, entretanto, nos dedicamos exclusivamente à fé bíblica, quer como confiança de salvação em Cristo, quer como sistema de convicção resultantes de nossa interpretação da Bíblia.

A definição que a própria Bíblia faz de fé está em Hebreus 11:1: "*Firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem*". A palavra grega traduzida por "fundamento" - *elegchos* - tem também o sentido de certeza, confiança e prova. A fé bíblica é a certeza consciente e deliberada de que as coisas prometidas Por Deus vão ser alcançadas, ou melhor, que o crente já as tem por antecipação. A palavra traduzida por "prova" - *hypóstasis* - tem a idéia de "documento" comprobatório da realidade invisível, a começar por Deus, a realidade fundamental da fé.

AFÉ VERDADEIRA

O elemento fundamental da atitude chamada fé é a confiança.

Mas em si mesma essa confiança não oferece garantia de veracidade, isto porque há a falsa confiança, ou seja, tipos falsos de fé. A verdadeira fé é aquela que se relaciona com a realidade de Deus, de sua revelação contida nas Escrituras, com todas as suas promessas e preceitos normativos da vida. O que caracteriza a verdadeira fé é a realidade verdadeira do objeto da fé, ou seja, da convicção que o indivíduo adquire e nutre. Quando uma pessoa tem confiança em deuses falsos, em credices criadas pela própria mente humana, nos mitos e fábulas, não tem a verdadeira fé, porque as credices são fantasias, não são realidade; ou quando uma pessoa confia no cumprimento de certos desejos seus que, entretanto, não são promessas de Deus, não tem a verdadeira fé; ou, ainda, quando uma pessoa quer realizar através do poder de Deus aquilo que Deus jamais mandou fazer, não tem a verdadeira fé; ou, finalmente, quando uma pessoa tem convicções religiosas que não correspondem ao verdadeiro sentido da Verdade revelada por Deus e registrada em sua Palavra, distorcendo as Escrituras e crê nessas distorções, não tem a fé verdadeira.

A fé pode ser facilmente confundida com três falsificações de fé, em virtude de estas também terem como elemento fundamental, a confiança.

1. A primeira falsificação da fé é a superstição. Esta consiste em depositar a confiança, o reconhe-

Cristo é a encarnação do Verbo eterno, que no princípio estava com Deus e era Deus (João 1:1). Jesus é: 1) O Filho de Deus (João 20:31); 2.). O Verbo encarnado (João 1:1-14); 3.). Eterno e divino (João 1:1 e 8:58); 4.). O agente de Deus na criação (João 1:3); 5) A vida e a luz eternas (João 1:4,5 e 9); 6) Quem concede a virtude para transformar o pecador em filho de Deus, quando crê nele (João 1:12). Jesus é o nosso grande, completo e suficiente Salvador.

A Bíblia revela haver duas naturezas em Jesus: Deus e homem. Como homem nunca pecou; e deu a vida em resgate de todos. Foi gerado sem pecado, pela virtude do Espírito Santo, e viveu em santidade absoluta. Venceu a morte, subiu para o céu, onde está à destra de Deus, e de onde voltará para o juízo final. Jesus é o Cabeça da igreja e nós somos membros de seu corpo, devendo-lhe amor, adoração, gratidão e serviço fiel e consagrado em todo o tempo, para divulgarmos Seu nome e expandirmos o reino de Deus.

6 - JESUS É O NOSSO PERFEITO SUMO SACERDOTE

Jesus exerceu, em seu ministério, três funções: profeta, sacerdote e rei. "Como profeta, revelou da maneira mais completa a vontade de Deus ao mundo; como sacerdote, fez o sacrifício perfeito para expiação do pecado e, como rei, estabeleceu o seu reino e começou

a reinar no coração dos homens" (Langston). O sacerdócio de Jesus foi prefigurado pelo sacerdócio do culto estabelecido por Deus para o povo de Israel. Mas o sumo sacerdote era imperfeito: morria e precisava ser substituído; era pecador e precisava oferecer primeiro sacrifício por si mesmo, para poder oferecer pelo povo; o santuário em que ele entrava era feito por mãos de homens; e os sacrifícios que oferecia eram imperfeitos e precisavam ser diariamente repetidos. Jesus Cristo, porém, é o sumo sacerdote perfeito: não morre, é um só sacerdote eternamente; não tem pecado, é perfeitamente santo e justo; não entrou em santuário feito por mãos de homens, mas no santuário de Deus, o céu; não ofereceu sacrifício de animais, mas ofereceu-se a si mesmo, e o seu sacrifício não precisa ser repetido, porque é eternamente suficiente. Jesus Cristo é o grande sumo sacerdote de Novo Testamento (Hebreus 8:1-13).

7 - A DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo é a segunda pessoa da Trindade. Não é uma mera emanção de Deus, ou somente uma virtude que emana dele; não é, também, uma força que se libera do interior do próprio homem quando se converte. É uma pessoa divina. É Deus em manifestação individualizada, sem qualquer limitação. Ele fala, pensa, sente, se entristece, ensina, guia, convence, dirige, consola. É pessoa real.

A Bíblia é inspirada por Deus. Homens santos, inspirados pelo Espírito Santo a escreveram. Devemos amar a Bíblia, lê-la constantemente, meditar em seus ensinamentos, estudá-la sistematicamente e com perseverança. Devemos, também, divulgá-la, para que a luz do evangelho alcance milhares e milhares de outras pessoas. Ler Salmo 119:105-112.

3 - A DOUTRINA DA REVELAÇÃO

Conhecemos Deus porque Ele se revelou a nós de muitas maneiras, e o registro de sua revelação encontra-se na Bíblia. Na culminância dos tempos revelou-se na pessoa de Jesus Cristo, seu Filho Unigênito (Hebreus 1:1; Gálatas 4:4,5). A própria natureza revela a existência, o poder e a sabedoria de Deus (Salmo 19:1), mas é insuficiente essa revelação. Deus revelou-se de modo sobrenatural, para que o homem pudesse adorá-lo, aprender dele, e ser salvo. Jesus Cristo é a imagem do Deus invisível, é a revelação perfeita de Deus (Colossenses 1:15). O Espírito Santo é o Agente da Revelação (2Pedro 1:21). Ele conduziu os homens escolhidos a escreverem e, completada a revelação que ficou registrada na Bíblia. A revelação se completou, devendo os crentes se precaverem em relação aos que se dizem profetas, e aos que querem se orientar e orientar os outros por meio de sonhos, visões e vozes. Devemos recorrer sempre e somente à Palavra de Deus.

4 - A DOUTRINA DEUS

Deus é real. Ele existe e age segundo sua vontade soberana. Deus é o Espírito infinito, perfeito em tudo, em poder, em sabedoria, em santidade, em conhecimento, em amor, em misericórdia e em justiça. Ele é o Criador e o Sustentador de todo o universo, e dirige a História para a realização de seu propósito final.

A realidade da existência de Deus se impõe por si mesma. Sendo Espírito, Deus não pode ser representado por qualquer figura nem por qualquer ser da natureza, e a adoração a Ele há de ser em espírito e em verdade. Ele nos criou à sua imagem e semelhança e nos alcançou com sua misericórdia para a salvação na pessoa de seu Filho Unigênito. Sua manifestação, na revelação, é em três pessoas que são um só Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (doutrina da Trindade). O caráter de Deus é perfeito de Deus. Ele é piedoso, benigno, sofredor e misericordioso (Salmo 145:8,9). Sua bondade permanece para sempre (Salmo 52:1). Deus não pode mentir (Tito 1:2), é justo (Salmo 7:9-11), é santo (Apocalipse 15:4), é amor (1João 4:8,16). A Bíblia nos exorta a sermos imitadores de Deus (Efésios 5:1).

5 - QUEM É JESUS CRISTO ?

O mundo tem divergentes e disparatadas opiniões sobre Jesus Cristo, havendo até aqueles que nem crêem que ele tenha realmente Existido. A Bíblia revela que Jesus

cimento como sendo realidade, em entidades que não existem ou que existem materialmente mas não são eficazes. A falsidade do objeto da confiança faz com que a fé seja falsa. Uma imagem, por exemplo, existe, mas é ineficaz, não tem qualquer virtude, nada pode realizar. Depositar confiança nela é ter uma falsa fé, que é a superstição. Também confiar em objetos, em coisas, em elementos, atribuindo-lhes o poder de operar maravilhas, não é fé, mas superstição. Exemplos: confiar em que bebendo água orada será curado; que colocando a mão sobre a imagem da mão de um pregador na televisão receba uma virtude; levar para casa qualquer objeto ungido, ou deixar a Bíblia aberta sobre a mesa em alguma passagem, crendo que se receba alguma virtude. Tudo isso não é fé, embora haja confiança, mas é superstição.

2. A segunda falsificação da fé é o fanatismo. Este consiste em a pessoa confiar firmemente que receberá aquilo que Deus nunca prometeu, como, por exemplo, curar qualquer tipo de doença sempre, ou dar prosperidade e riquezas materiais a todos. Outra manifestação de fanatismo, que se confunde com fé, está em a pessoa querer usar de poderes emanados de Deus para a realização de prodígios que Deus nunca mandou fazer. Ouvi, quando era adolescente, o representante de um grupo dizer a meu pai que eles ainda haveriam de fazer a terra tremer com suas orações. Provocar tremor na terra é um prodígio que

Deus jamais mandou seus servos fazerem. Querer fazê-lo é fanatismo e não fé. Ouvi, há muitos anos, o relato de um homem que, no interior do Estado do Rio de Janeiro, teria matado por sufocação seu próprio filhinho de quatro anos de idade, e ficou depois, durante quatro dias, ajoelhado ao seu lado, exigindo que Deus o ressuscitasse, porque Jesus "é o mesmo ontem, hoje e eternamente".

3. A terceira falsificação da fé é a temeridade. Esta consiste em a pessoa querer realizar coisas despropositadas, incoerentes e absurdas alegando ter fé para fazê-las. É o caso, por exemplo, de alguém que se empenhe em uma campanha para construir um templo para milhares pessoas, com requintes de luxo, se a igreja consta apenas de um pequeno número de membros, todos eles proletários. A propósito, a Palavra de Deus nos adverte, na epístola de Tiago: "*Pidis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites*" (Tg 4:3).

A verdadeira fé se manifesta em realizarmos o que é possível, vencendo as dificuldades e impedimentos, e jamais em querermos realizar o que seja absurdo e até desnecessário.

A VERDADEIRA FÉ E O TEMPO

Na vida do crente, a fé se manifesta nos três aspectos do tempo da vida humana: o passado, o futuro e o presente.

1. A fé e o passado. Em relação ao passado, a verdadeira fé se expressa no reconhecimento voluntário, na convicção, na confiança de que todas as coisas registradas na Bíblia ocorreram, realmente, conforme estão registradas: Deus criou o universo em seis dias; Deus criou o homem do pó da terra e lhe deu do seu espírito; Deus tirou a mulher do corpo do homem; aconteceu o primeiro pecado como está narrado; houve o dilúvio etc. Eu tenho certeza de que tudo o que está dito na Bíblia aconteceu como está escrito. Essa convicção é fé.

2. A fé e o futuro. Em relação ao futuro, a verdadeira fé se expressa em um reconhecimento voluntário, em confiança total, sem nenhuma dúvida, de que todas as promessas de Deus e de seu Filho Unigênito acontecerão como está escrito: o crente vai para o céu quando morre; Jesus voltará, consumando o tempo, em glória, visível; estabelecerá o juízo final após a ressurreição dos mortos; serão criados novos céus e nova terra, enquanto esta em que agora vivemos será destruída pelo fogo. Crer sem dúvida nenhuma de que todo o futuro se desenrolará como a Bíblia registra, é fé.

3. A fé e o presente. Em relação ao presente, a verdadeira fé se expressa em não conformidade com o mundo, e conformidade com os ensinos divinos contidos na Bíblia. O que tem fé tem discernimento dos tempos, avalia o mundo em que vive, toma atitudes e estabelece normas de procedimento de acordo com o

que vai aprendendo da Palavra de Deus, cumprindo o que aconselha o apóstolo Paulo: "*Não vos conformais com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento*" (Romanos 12.2).

CONCLUINDO

Apesar da convivência com divergências de grupos religiosos, de sermos influenciados por uma verdadeira avalanche de livros e outras publicações que procuram conquistar as nossas mentes para as várias posições no tocante à fé, devemos envidar esforços para mantermos a fé verdadeira em Deus, deixando de lado todas as falsificações que nos cercam. A verdadeira fé produzirá sempre em nossa vida um conjunto de atitudes que agradam a Deus e produzem uma vida de autêntico serviço e adoração a Ele. Esse autêntico serviço e adoração serão sempre a nossa força como igrejas de Cristo e denominação batista, possibilitando a nossa unidade e dedicação à propagação do reino de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Gén. 4.1-8**
- Terça - Gén. 6.1-22**
- Quarta -Gén. 12.1-7**
- Quinta -Gén. 22.1-14**
- Sexta - Éxodo 2**
- Sábado - Mateus 15.21-28**

Estudo 13

RECORDANDO O QUE ESTUDAMOS

Fizemos, até agora, doze estudos doutrinários sobre os seguintes assuntos: Fé, Bíblia, Revelação, Deus, Jesus Cristo, O Sumo Sacerdote Perfeito, Espírito Santo, Homem, Pecado e Depravação, Salvação, Responsabilidade Humana na Salvação, Nova Vida em Cristo. Noutra publicação serão estudadas outras tantas doutrinas, e você deve estar atento a isso. Agora, recordemos o que acabamos de estudar nesses doze estudos aqui feitos.

1 - A VERDADEIRA FÉ

Fé é a atitude global da personalidade que inclui o acreditar, confiar e submeter-se. A verdadeira fé é ensinada na Palavra de Deus. O mundo costuma confundir a verdadeira fé com falsificações (*superstições, fanatismo, temeridade*). Crer no que não existe ou no que é ineficaz é falsidade de fé, é superstição. Crer que pode realizar o que é absurdo, não encontrado nas Escrituras, é temeridade. Esperar receber o que Deus não prometeu e querer fazer o que Deus não mandou fazer é fanatismo. A verdadeira fé nos leva a acreditar que tudo o que

está escrito na Bíblia, sobre o passado, aconteceu como está escrito; que tudo o que está prometido para o futuro acontecerá como está escrito, e que o presente está sendo dirigido por Deus conforme seus propósitos. A fé é-nos conferida por Deus quando quebrantamos o coração, arrependidos, e queremos crer (Heb 11:1-40).

2 - A BÍBLIA É A PALAVRA DE DEUS

A Bíblia é nossa única regra de fé e de comportamento. Tem 66 livros, divididos em duas partes: Antigo Testamento e Novo Testamento. A primeira parte registra a origem de tudo, a origem do povo escolhido, a doação da lei de Deus, a história do povo e a revelação por meio dos profetas. Enfim, trata do Antigo Pacto de Deus com os homens; e a segunda parte trata do Novo Pacto, da Nova Aliança, e registra a história de Jesus, com seus feitos e ensinos, a expansão do evangelho, as cartas de orientação às igrejas primitivas, e o livro da Revelação Final, que prevê tudo até a consumação do Reino de Deus.

leitura e à meditação da Palavra de Deus. A Bíblia deve ser lida diariamente; é o alimento espiritual do crente de todos os dias e de todos os momentos.

3. Dedicar-se à participação dos cultos e atividades de sua igreja -

"Não abandonando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros"(Hebreus 10:25). A convivência com os irmãos, a solidificação da amizade e do amor cristão para com todos, indistintamente, o cântico congregacional, as orações, as informações sobre o progresso da causa de Deus, o interesse e solidariedade em relação às dificuldades dos irmãos, o ouvir a pregação da Palavra de Deus, as palavras de encorajamento recebidas de outros irmãos, ou ditas a eles, tudo isso faz com que o crente esteja constantemente amparado e constantemente crescendo.

A MORDOMIA NA NOVA VIDA

Desde cedo o crente precisa compreender que é mordomo de Deus, isto é, um administrador do que pertence a Deus. Tudo o que somos e tido o que temos, e tudo o que recebemos, pertence à Deus. Então o crente há de servir ao Senhor com seu tempo, seus talentos, sua inteligência, e com os recursos materiais. Um dos aspectos da mordomia é o dízimo, doutrina

da Palavra de Deus que consiste em o crente dedicar a Deus a décima parte do que recebe, para que haja sustento à causa de Deus.

CONCLUINDO

Temos todos os motivos para vivermos uma vida de constante regozijo. Fomos perdoados por Deus, justificados, transformados em novas criaturas, adotados como filhos, resgatados, libertados por Jesus das garras de Satanás e transportados para o reino de Deus, temos a garantia do céu, temos a garantia de que vamos ressuscitar, temos a garantia de que, ao morrermos aqui neste mundo, estaremos na presença de Deus, e temos a presença constante de Jesus conosco. Vivamos, portanto, alegres, glorificando ao nosso querido Salvador Jesus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - João 1

Terça - Romanos 6.4-23

Quarta - 2Coríntios 5

Quinta - Efésios 1

Sexta - Efésios 2

Sábado - Colossenses 1

Estudo 2

A BÍBLIA É A PALAVRA DE DEUS

Texto básico: João 1.12; Romanos 6.4-23; 2Coríntios 17.18; Efésios 2.11,12; Filipenses 2.14,15 e capítulos 4,5 e 6

A Bíblia é, para os batistas, a única regra de fé e prática. Isso quer dizer que só aceitamos, como autoridade para firmar aquilo que cremos, a Bíblia. Não há homens, não há instituições, não há declarações de fé que possam ser tomados como autoridade para firmar aquilo em que cremos. Somente a Bíblia. Ela é, para nós, o padrão de doutrina e de vida; ela é o aferidor de nossos motivos, atitudes e formação de programa de atuação. É o nosso código de ética; é nosso manual de eclesiologia; é a nossa fonte de orientação e consolação; é a nossa fonte de inspiração para a nossa vida de santidade e de consagração ao serviço de Deus. Em resumo, tudo o que cremos e tudo o que praticamos, quer seja como pessoas, individualmente, quer seja como igrejas, quer seja como denominação organizada e atuante, busca base de sustentação na Bíblia.

E por que esse apego, essa exclusividade, essa submissão? É porque cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus. E, sendo assim, ela tem toda a autoridade em nossa vida. Nisso diferimos de outros grupos. Alguns crêem, sim, na Bíblia, mas aceitam a autoridade de

pessoas que dizem receber revelações diretas de Deus, e essas alegadas revelações, por sonhos, visões e vozes ou intuições, passam a comandar as atitudes e decisões, tomando o lugar da Bíblia e não raras vezes, até se conflitando com o que está escrito. Outros têm cânones, constituições, tribunais donde emana a autoridade para comandar as decisões das igrejas e obreiros. Nós, batistas, entretanto, somos exclusivistas da Bíblia, porque ela é a Palavra de Deus.

QUE É A BÍBLIA?

A Bíblia é um livro. Aliás, uma coleção de 66 livros, dividida em dois segmentos, o Antigo Testamento, como 39 livros, e o Novo Testamento, com 27 livros. O nome Bíblia provém da palavra grega *biblia*, plural de *biblion* (que significa livrinho), diminutivo de *biblos* (livro). Tendo tomado o nome no plural, a palavra acabou sendo usada como um nome singular, Bíblia. Tal é a harmonia entre todos os livros que fazem parte da coleção, tal é a unidade, dando a idéia de todos os livros serem de um só autor, que o nome tinha, mesmo, que assumir o sentido singular.

Quando o Senhor Jesus exerceu seu ministério, já havia as Escrituras que hoje reconhecemos sob o nome de Antigo Testamento, e eram chamados Escrituras, a Lei e os Profetas. Com o advento do evangelho, foram escritas cartas, os Evangelhos, a narrativa da expansão do evangelho (Atos) e o Apocalipse, formando o Novo Testamento.

Os nomes dados aos dois segmentos da Bíblia, Antigo e Novo Testamento, vêm do sentido das Escrituras, como um pacto de Deus com os homens. Assim, os escritos antigos, que narram desde as origens até o último profeta antes da vinda de Jesus, contêm a aliança de Deus com os homens, feita primeiramente com Noé, depois com Abraão e renovada com Israel quando de sua libertação do Egito, cujo símbolo era a "arca do concerto". Esse pacto se consubstanciava na lei de Deus. Com o Senhor Jesus, Deus fez uma nova aliança com os homens. Na ceia com os discípulos, pouco antes de ser preso, o Senhor Jesus referiu-se ao "Novo Testamento" no seu sangue (1Coríntios 11.25). E a palavra empregada foi *diatheque*, que tem o significado de *pacto*; agora, o pacto não pela lei, mas pelo sangue do sacrifício do Filho de Deus pelos pecadores, o pacto da graça para salvação mediante a fé.

A BÍBLIA É O REGISTRO DA REVELAÇÃO DE DEUS

Conhecemos Deus porque ele se revelou a nós. Antes, na criação, ele

convivia com o ser humano falando-lhe face a face. Depois do pecado, a humanidade mergulhou em trevas e se perdeu, e Deus tomou a iniciativa de se revelar para realizar seu plano de salvação. De muitas maneiras ele se revelou aos antigos.

1. Pela natureza - "Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos" (Sl 10.1).

2. Por fenômenos - sarça ardente no Sinais, o monte fumegando, etc.

3. Através de messageiros celestiais - anjos sendo enviados com mensagens a homens.

4. Através de sonhos - A Bíblia registra diversos casos em que Deus se comunicou com homens através de sonhos.

5. Visões - Como é o caso do profeta Ezequiel, Nabucodonozor, João na ilha de Patmos.

Vozes - como quando falou a Abraão, a Moisés e outros.

Usando os profetas como instrumentos, Deus foi se revelando, até que, finalmente, revelou-se na pessoa do próprio Filho. Revelou sua existência, sua eternidade, sua personalidade, seu poder, sua glória, seu caráter, enfim seus atributos, e revelou também sua paternidade e seu plano de salvação.

Há duas fases da revelação: pela instrumentalidade dos profetas, e pelo próprio Deus encarnado (Heb 1.1), Jesus Cristo, o Filho de Deus, cuja vida, milagres e ensinamentos foram registrados pelos discípulos, quase todos eles testemunhas oculares de tudo, como se expressa o apóstolo João (1João 1.1,3).

habitando em seu coração, sendo agora nova criatura, sendo filho de Deus, sendo filho da luz, o crente passa a viver em novidade de vida espiritual e moral. A modificação é tão profunda, que Paulo aconselha aos crentes de Roma a se considerarem mortos para o pecado, e que passem a viver de modo radicalmente oposto ao modo de vida anterior (Rom. 6.12,13).

O modelo de comportamento de quem é regenerado por Jesus Cristo, abrange, principalmente, as seguintes características:

1. A vida do crente deve ser compatível com a natureza de filho da luz - 1Tess 5.8. O crente precisa tomar consciência de tudo quanto for procedimento das trevas e ir eliminando de sua vida. Nesse mesmo texto, no versículo 7, Paulo menciona a embriaguez como uma das obras das trevas, a ser abandonada. O crente deve, então, ser abstêmio. Aliás, é o conselho da Palavra de Deus (Prov 23.31).

2. O crente deve amar a verdade - Col 3.9; Ef 4.25. Deve ter a sua palavra verdadeira, deve abandonar e odiar a mentira.

3. O crente deve ser benigno - Efésios 4.26,32. Deve controlar a sua ira para não dar lugar ao diabo. Para isso, deve procurar ser benigno, compassivo, perdoador.

4. O crente deve ser honesto - Efésios 4:28. O furto em qualquer escala, deve fazer parte do passado, se é que existiu no velho homem.

5. O crente deve purificar seus lábios em relação às palavras que fala - Efésios 4:29. Há de evitar as palavras impuras e as levianas.

Resumindo, o crente precisa se despir da roupa suja do velho homem, do que era antes da regeneração, e vestir-se da roupa limpa que alcançou de Cristo, quando o aceitou como Salvador.

A vida moral do crente há de refletir a santidade e a pureza do próprio Senhor Jesus. Ele vai se transformando, à medida que vai compreendendo a vontade de Deus revelada em sua Palavra, numa transformação constante, através da renovação da mente (Romanos 12:2).

A VIDA DEVOCIONAL DO CRENTE

O crente, com a consciência de que é filho de Deus, procura manter com ele constante comunhão, através de uma sadia vida devocional, e para isso, é preciso:

1. Dedicar-se à oração - "Orai sem cessar", diz o apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses 5:17. Na rua, no trabalho, no quartel, na escola, em casa, no lazer, em qualquer lugar e em qualquer situação, o crente estará sempre de pensamento voltado para Deus, em oração.

2. Dedicar-se ao estudo da Palavra de Deus (Salmo 119:105). O Espírito Santo, que tem o ministério de guiar o crente no conhecimento da verdade, irá realizando sua missão, à medida que o crente se dedica à

2. O convertido é transformado em nova criatura (2Cor 5.17) - Tendo nascido de Deus, o crente recebeu uma nova natureza, que se caracteriza em deixar para trás as coisas velhas, as coisas que antes eram eridas e praticadas por força e inclinação do coração pecaminoso, como a idolatria, a superstição, a arrogância e o orgulho, a auto-suficiência, a imoralidade, a desonestidade, a violência, a crença e o apego a tudo quanto pertencia à sua velha natureza de pecado.

3. O convertido torna-se uma pessoa reconciliada com Deus (2Cor 5.18) - Deus não tem comunhão com o pecado e reconcilia o homem com ele próprio quando este se deixa purificar do pecado pelo sangue de Jesus Cristo.

4. O convertido torna-se membro do povo de Deus (Efésios 2.19) - É claro que ser membro do povo de Deus implica em incalculáveis privilégios, mas também é claro que implica em severas responsabilidades, que o crente vai aprendendo, e assumindo cheio de regozijo, pela consciência de poder cooperar com Deus na continuação de sua obra de alargamento de seu reino.

5. O convertido passa a ser filho da luz (1Tess 5.5) - A expressão bíblica "filho de" significa "que tem a natureza de". O convertido deixa de ter natureza de trevas e passa a ter natureza de luz, porque tem a natureza de Deus, que é luz (1João 1.5); de Jesus Cristo, que é a luz da vida (João 8.12).

6. O convertido torna-se servo de Deus (Rom 6.22) - O pecador, en-

quanto não se converte, é servo de Satanás e do pecado e está aprisionado no "campo de concentração" de Satanás. Mas quando crê em Jesus, ele é resgatado pelo preço do sangue de Cristo, é libertado e transferido para o reino de Deus, para servi-lo (Col 1.13). No entanto, o convertido torna-se um servo que é, ao mesmo tempo, filho e amigo. Nós nos consideramos servos, mas ele nos considera filhos.

7. O convertido torna-se um santo de Deus (Rom. 1.7) - Há religiões que fazem uma idéia falsa do que venha ser um santo. Pensam em pessoas milagreiras, que sejam perfeitas e puras (segundo os conceitos daquelas religiões), que tenham morrido como mártires etc. Mas a palavra *santo* quer dizer *separado* e, no conceito cristão, *separado para ser dedicado a*. Os vasos de ouro do templo em Jerusalém eram vasos santos, separados de qualquer uso, para serem usados exclusivamente no culto a Deus. Nós, crentes, somos santos, fomos separados por Deus da multidão imensa que no mundo vive em trevas, para pertencermos a ele. Estamos separados do mundo para Deus.

O MODELO DE COMPORTAMENTO DA NOVA VIDA

A maneira de viver dos crentes não pode, evidentemente, continuar sendo a mesma da vida antiga, antes da conversão. Mudando a natureza, passando a ter o Espírito Santo

A BÍBLIA É INSPIRADA POR DEUS

As passagens indicadas para leitura, no início deste estudo, falam da inspiração da Bíblia pelo Espírito Santo de Deus.

As pessoas que se esforçam em desacreditar a Bíblia alegam ter sido ela escrita por homens. Sim, a Bíblia foi, realmente, escrita por homens. Porém homens especialmente usados por Deus, conforme o apóstolo Pedro explica (2Pedro 1.20,21), resolvendo a questão para quem quer crer. A Bíblia foi escrita por homens santos de Deus, inspirados pelo Espírito Santo. Essa certeza de inspiração é que nos garante que a Bíblia é, realmente, a Palavra de Deus.

Em relação aos homens que escreveram os livros que compõem o Novo Testamento, foram pessoas de profunda experiência com Deus, que conviveram com o Senhor Jesus, tendo sido suas testemunhas oculares, ou como no caso de Lucas, homem piedoso, apegado à verdade, que pesquisou os fatos, tendo ouvido o testemunho daqueles que andaram com o Senhor.

Os homens não foram propriamente os autores da Bíblia. Foram, antes, os instrumentos que Deus usou para produzi-la. Para o apóstolo Paulo, cada passagem das Escrituras deve sua origem à inspiração divina, e por isso mesmo não deve ser desprezada, mas usada para que produza seus efeitos na formação de uma vida sábia (2Timóteo 3.16).

Bastariam essas evidências internas, isto é, evidências do próprio texto da Bíblia, para o reconhecimento de que a Bíblia é inspirada pelo Espírito de Deus. Entretanto, e essas evidências internas podem-se juntar algumas outras, externas, como segue.

1. Unidade da diversidade - Considerável número de homens, que viveram e exerceram seu ministério separados por muitos séculos uns dos outros, e que representavam as mais variadas condições geográficas, econômicas e sociais, foram usados por Deus para escreverem a Bíblia. Entretanto, ela é de uma unidade impressionante em sua mensagem, em seus propósitos, dando a nítida impressão de ser, toda ela, orientada por uma só mente. Deve-se isto ao fato de ter sido o Espírito Santo o verdadeiro autor da Bíblia.

2. Cumprimento das profecias - A mente que produziu a Bíblia é conhecedora dos fatos antes que se realizem. Profecias do Antigo Testamento são citadas no Novo Testamento como tendo se cumprido, como, por exemplo, o caso de os soldados terem quebrado as pernas aos dois que foram crucificados juntamente com Jesus e se deterem diante deste e não procederem do mesmo modo (João 19.36) O apóstolo João citou a profecia que se encontra no Salmo 34:20. Outro exemplo é o da profecia de Isaías a respeito do Messias. A profecia de Isaías ocorreu 700 anos antes de Jesus. Entretanto, quando se lê o capítulo 53 de Isaías, tem-se a im-

impressão de ter sido escrito depois dos acontecimentos que envolveram o sacrifício, o sofrimento e a morte de Jesus. A mente de Deus dirigiu a História, dirigiu as pessoas, de modo que tudo se cumprisse conforme predito, e isso evidencia a inspiração da Bíblia pelo Espírito Santo.

3. A transformação dos homens pela virtude contida na Bíblia - Os mais vis pecadores têm sido transformados em novas criaturas por lerem a Bíblia e passarem a crer em sua mensagem. Há, em suas páginas, a virtude de Deus que, uma vez conhecida e crida, opera e regeneração.

4. Atualidade constante de sua mensagem - Nenhum livro do mundo tem essa característica. Todos vão se tornando obsoletos, em curto tempo, e suas mensagens científicas, filosóficas, éticas etc vão sendo substituídas por outras. A Bíblia, porém, jamais envelhece. Os temas de milênios passados são os temas de hoje; os problemas de que trata são problemas em tudo atuais.

A AUTORIDADE DA BÍBLIA

A Bíblia é a Palavra de Deus, é o livro que encerra toda a autoridade nos assuntos da revelação de Deus. Não reconhecemos nenhuma autoridade fora da Bíblia. Temos, como povo de Deus, nossos grandes vultos, instituições por nós criadas para podermos realizar obras como missões, beneficência, preparação de obreiros etc. Mas homens e instituições só têm aceitação na medida direta em que seu caráter,

seus objetivos e seus métodos de atuação estejam harmonizados com a Bíblia. O que devemos ser ou não ser; o que devemos falar ou não falar, fazer ou não fazer, crer ou não crer, tudo, em nossa vida, há de se aferir pelo ensino da Bíblia. Ela exerce essa autoridade sobre nós porque é a mente de Deus que está nela. Ela é a Palavra de Deus.

A autoridade da Bíblia se evidencia e se impõe pela sua autenticidade (2Pedro 1.16). A Bíblia não é um livro de literatura de ficção; não é uma coletânea de lendas. É o registro dos fatos históricos e espirituais que evidenciam a intervenção de Deus na História. E esses fatos foram testemunhados por homens idôneos, de profunda experiência com Deus e seu Filho Jesus;

CONCLUINDO

A autoridade da Bíblia, por ser a Palavra de Deus, comunica sua virtude aos servos de Deus no desempenho de seu testemunho diante dos homens. Nossa autoridade, como povo de Deus peculiar, sob a designação histórica de "batistas", vem da fidelidade que temos mantido para com a Bíblia, a Palavra de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - *Êxodo 34.10-28*
- Terça - *2Pedro 1.1-21*
- Quarta - *2Timóteo 3.10-17*
- Quinta - *Isaias 53*
- Sexta - *Salmo 22*
- Sábado - *Mateus 4.1-11*

Estudo 12

A NOVA VIDA EM CRISTO

Textos bíblicos: João 1.12; Romanos 6.4-23; 2Coríntios 5.17; Efésios 2.11,12

A obra de regeneração e salvação que o Espírito Santo realiza no pecador, quando ele se arrepende e crê em Jesus e o aceita como seu Salvador, resulta não apenas em perdão, justificação, adoção como Filho de Deus, outorga da vida eterna e promessas de ressurreição e glorificação, mas também numa completa transformação de vida; de modo que o regenerado passa a ter uma nova natureza, que requer dele a adoção de um novo código de conduta (2Cor 5.17; Ef5.8).

Ao se converter a pessoa deixa para trás o pecado, a idolatria, as superstições, o medo da morte, os maus hábitos, a mentira, a desonestade, o ódio, a violência, o pavoroso imoral, enfim, o tipo de vida que tinha do velho homem e comece uma nova vida de certeza de salvação, de regozijo, de comunhão com Deus, de aprendizado da Palavra de Deus, de convivência com seus irmãos em Cristo, com a igreja, e de constante transformação, à medida que vai aprendendo, conforme o apóstolo Paulo exorta (Rom. 12.2).

Para que o crente saiba como deve proceder em sua novidade de vida, precisa conhecer os aspectos de

sua nova natureza, os privilégios que recebe e as responsabilidades de que é revestido, no momento em que se torna participante do povo de Deus e de seu reino.

ASPECTOS DA NOVA VIDA EM CRISTO

A conversão não significa apenas que a pessoa decidiu aderir a uma ideia, ou a uma religião, ou a um grupo de pessoas crentes, para misturar-se com elas e imitar o que elas fazem. Quando a pessoa abre o coração, Jesus vem habitar nela através do Espírito Santo, que lhe concede o dom da nova vida. A pessoa é transformada em sua natureza espiritual, e essa transformação é tão profunda, que corresponde a uma ressurreição. O pecador está morto em seus pecados; mas quando Jesus entra em sua vida, esse pecador recebe a vida, literalmente saindo da morte para a vida, adquirindo as seguintes características:

1. O convertido torna-se filho de Deus (João 1.12,13) - O convertido é adotado por Deus; adquire a natureza de filho de Deus. Ele passa a pertencer a uma nova família.

trangimento de quem reconhece que não é bom, que é moral e espiritualmente falido, e completamente incapaz de se livrar da culpe e da pena. A confissão corresponde ao “negue-se a si mesmo” que o Senhor ensinou como condição para podermos segui-lo.

A RESPONSABILIDADE DE RECEBER JESUS

Todas essas responsabilidades que temos considerado consumam-se no ato de o pecador receber o Senhor Jesus em seu coração. É a abertura do mundo interior do homem, do coração, da consciência, da vontade, da personalidade, enfim, para que Jesus tome conta de tudo, como Senhor. É a rendição; é o ajoelhar-se diante do Rei de quem se torna seu servo e súdito. É, também, abrir a porta da casa e dizer: “Entra, e sê o hóspede real, e dirige minha vida.” Apocalipse 3.20 dá a idéia do que seja receber Jesus.

CONCLUINDO

Não há como aceitar, à luz das Escrituras, a doutrina da predestinação radical, calvinista, que ensina que Deus predestinou salvar umas pessoas e condenar outras. Até porque essa doutrina destrói o sentimento de responsabilidade do pecador diante do oferecimento de salvação por Deus, além de contrariar o ensino claro da Bíblia, de que Deus quer que todos se salvem, e que o sacrifício de Jesus foi por todos.

O que a Bíblia ensina é que o Senhor Jesus atribuiu a responsabilidade pela salvação aos próprios pecadores, e esta responsabilidade está no querer e no efetuar. É preciso querer ser salvo, conscientizar-se da necessidade de salvação; e é preciso efetuar o que Jesus manda: negar-se e assumir o discipulado fiel e constante. É necessário que o pecador, ao ler a Palavra de Deus, ou uma mensagem escrita, ou quanto ouve um testemunho de pessoa crente, pregando o evangelho, decida se vai ou não abrir a “porta” da sua vida para o Senhor Jesus. Exatamente nessa escolha é que está a responsabilidade do pecador pela sua própria salvação.

No entanto, o episódio da conversão do carcereiro de Filipos, mostra que o indivíduo tem responsabilidade pela sua salvação, mas também em relação aos seus familiares. É responsabilidade dos pais e mães que encontraram o caminho, orientarem os filhos, e orar por eles, para que eles também o encontrem.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - *Isaias 55.1-6*
- Terça - *Atos 16.25-34*
- Quarta - *João 5.1-24*
- Quinta - *Romanos 5.1-11*
- Sexta - *Romanos 10.4-13*
- Sábado - *Efésios 2.1-10*

Estudo 3

A DOUTRINA DA REVELAÇÃO

Textos bíblicos: Hebreus 1.1,2; Salmo 19.1-14; Efésios 3.1-5

Toda a nossa fé, tanto sob o aspecto de convicção individual no evangelho, como sob o aspecto de sistema de doutrinas, origina-se da certeza que temos de que Deus se revelou ao homem, e de que a Bíblia é o fiel registro de toda a sua revelação.

A concepção de Deus como Ser pessoal, em tudo perfeito e absoluto, que é a um só tempo Criador, Sustentador e Redentor, e que é Pai; a concepção de Jesus como realidade histórica, como o Filho de Deus e nosso Salvador, a concepção do Espírito Santo; da justificação do pecador pela graça de Deus mediante a fé; a salvação, santificação, céu, ressurreição, juízo final, garantia eterna do crente, vitória final de Jesus e criação de novos céus e nova terra, tudo o que cremos tem fundamento na Bíblia como registro da revelação divina. O que cremos foi-nos revelado pelo próprio Deus. Não é resultado de qualquer especulação da mente humana. Nós cremos no que Deus revelou, e não no que nossa mente concebeu. E a autoridade da Bíblia, exclusiva para nós, reside no fato de ser ela o fiel registro dessa revelação de Deus e de toda a extensão de seu plano de

salvação, desde a origem do mundo até a consumação de todas as coisas.

QUE É REVELAÇÃO?

"Etimologicamente, revelação é toda e qualquer manifestação do que está oculto. Em sentido religioso, revelação é a manifestação do oculto feita por um poder superior, concretamente Deus. A revelação implica alguém que se manifesta, alguém que recebe a manifestação e a verdade manifestada" (BRUGGER, *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, p. 363).

Na revelação bíblica, a pessoa que se manifesta, estando oculta, é Deus. E as pessoas que receberam a sua manifestação foram, no Antigo Testamento, os profetas, e no Novo Testamento, os discípulos de Jesus, marcadamente os apóstolos, todos, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento, no dizer do apóstolo Pedro, homens santos (2Pedro 1.21). E a verdade revelada, ou manifestada, é o acúmulo de tudo quanto ficou registrado nas Escrituras. No Novo Testamento destaca-se a pessoa de Jesus Cristo, Senhor nosso, como a revelação viva,

pessoal, de Deus, como expressa um de seus nomes, Emanuel, que quer dizer "Deus conosco". A revelação cristã é a revelação que Deus fez na pessoa do Filho Jesus, e, pela inspiração do Espírito Santo, através dos seus discípulos, que primeiro transmitiram oralmente o que tinham visto e ouvido, para edificação das igrejas que iam se formando por toda parte.

O autor da Carta aos Hebreus disse que depois de haver falado muitas vezes na antiguidade, de muitas maneiras, através dos profetas, Deus, "nestes últimos dias" falou através do Filho (Hebreus 1.1). Falar não significa obrigatoriamente pronunciar palavras, mas usar uma linguagem que produziu na mente do homem a percepção da verdade que Deus queria comunicar, embora muitas vezes Deus tenha, literalmente, falado com seus servos. Segundo as maneiras pelas quais Deus falou, podemos classificar a revelação em dois tipos: a) A revelação natural, que consiste na manifestação dos fatos ocultos, entre eles a própria pessoa de Deus, através da natureza. E o que expressa o Salmo 19. b) A revelação sobrenatural, que consiste na manifestação das verdades por meios milagrosos.

No Salmo 19, onde encontramos referência à revelação natural, encontramos também referência à sobrenatural, quando o salmista, cessando de referir-se às maravilhas da natureza, passa a referir-se à lei de Deus e aos seus preceitos, que são o milagre de Deus falar aos

homens por ele escolhidos, a fim de manifestar sua vontade.

Por meio da revelação natural, a mente humana apreende apenas a existência de Deus e alguns de seus atributos, como inteligência, poder imensurável e glória. Mas é através da revelação sobrenatural que os homens tomaram conhecimento dos atributos de Deus, e tudo o mais concernente ao seu evangelho de salvação.

Deus se revelou por meio de atos e por meio de palavras. Por meio de atos, podemos citar a sarça ardente diante de Moisés, as pragas no Egito, a abertura das águas do Mar Vermelho, a paralisção das águas do Jordão, a destruição de Sodoma e Gomorra etc. As palavras são sua comunicação com os homens, aparecendo pessoalmente na pessoa do Verbo, ou em visões, ou em sonhos, ou simplesmente falando de modo audível. A maravilha da consumação da revelação de Deus foi quando ele uniu o ato à Palavra, e então se manifestou na pessoa de Jesus, a quem o apóstolo Paulo chamou de a perfeita imagem do Deus vivo (Col 1.15) e o autor da carta aos Hebreus afirmou ser a "expressão exata do seu Ser" (Heb 1.3).

MANEIRAS DE DEUS REVELAR-SE

Em Hebreus 1.1 lê-se que Deus revelou-se de muitas maneiras aos antigos. Podemos mencionar:

1. Aparecendo pessoalmente - Ele fechou a porta da arca (Gên 7.16), visitou Abraão e Ló e operou em

por considerá-lo uma ofensa a Deus, um mal ao próximo, mas por causa de estar sofrendo suas consequências. Não fosse a existência destas, estaria pronto a praticar de novo o crime. Isso não é arrependimento. O verdadeiro consiste numa atitude íntima de rejeição do mal e do desejo sincero de praticar o bem. Consiste no propósito de abandonar o pecado e viver uma nova vida diante de Deus. O termo "arrependimento" é tradução de uma palavra grega, *metánoia*, que significa mudança de mente. Essa é a mudança necessária para que o pecador seja salvo" (LIMA, Delcyr de Souza. Doutrina e Prática da Evangelização. Rio de Janeiro: p. 61.)

Há duas passagens no Antigo Testamento que ajudam a compreender a natureza do verdadeiro arrependimento:

1. Ezequiel 18:31 - "*Lançai de vós todas as vossas transgressões que cometestes contra mim; e criai em vós um coração novo.*" Segundo essa passagem, arrepender-se é largar a vida pecaminosa, é resolver voltar-se contra o pecado, fazendo propósito de viver uma nova vida diante de Deus.

2. Isaías 55:7 - "*Deixe o ímpio o seu caminho e o homem maligno os seus pensamentos; volte-se ao Senhor, que se compadecerá dele.*" Arrepender-se é mudar o rumo da vida; é mudar de caminho; é sair do mau caminho e voltar-se para Deus, dando uma meia-volta completa.

A RESPONSABILIDADE DE INVOCAR O NOME DE JESUS

"*Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*" (Romanos 10:13). Invocar significa clamar, chamar em auxílio. O pecador, tomando consciência de sua situação de perdido, querendo ser salvo e crendo em Jesus, que Jesus é o Filho de Deus, precisa clamar por Jesus em seu coração. Precisa orar, clamando por ele e pedindo que o salve. Um exemplo do Novo Testamento é o ladrão na cruz: "*Lembra-te de mim, quando entrares no teu reino*" (Lucas 23:42). Outro exemplo é o do cego Bartimeu: "*Este, quando ouviu que era Jesus, o nazareno, começou a clamar, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!*" (Marcos 10:47).

A RESPONSABILIDADE DE CONFESSAR

Deus perdoa o pecador no momento em que este, crendo em Jesus e arrependido, lhe confessa os pecados. A confissão, evidentemente, não há de ser feita a nenhum homem, mas diretamente a Deus, porque somente ele pode perdoar os pecados. As seguintes passagens, entre outras, ensinam a necessidade da confissão: 1João 1.9; Romanos 10.9,10; Salmos 51.3,4. A confissão do pecado significa o quebrantamento do pecador. O orgulho, a auto-apreciação, a justiça própria, a auto-inteligência, tudo cede lugar a um profundo cons-

Essa pergunta revela, pelo menos, três atitudes do homem que o levam a assumir a sua responsabilidade para ser salvo: a) O desejo humilde de ser salvo. O carcereiro reconheceu que era pecador, que estava perdido, e quis ser salvo; b) O reconhecimento de que Deus é real, e pode salvar; c) A idéia de que é preciso fazer alguma coisa para ser salvo. Todas as religiões do mundo ensinam a necessidade de o homem fazer obras e sacrifícios para alcançar o beneplácito da divindade. O carcereiro pensava igual, porém Paulo e Silas lhe explicaram em que consistia sua parte, sua responsabilidade para ser salvo: crer em Jesus.

A RESPONSABILIDADE DE CRER

O Senhor Jesus pregou o arrependimento e a necessidade de o indivíduo crer no evangelho desde o início do seu ministério (Marcos 1.15); ensinou que tem a vida eterna aquele que dá ouvidos à sua Palavra e crê na providência de Deus para a salvação (João 5.24); o apóstolo Paulo ensinou aos Efésios que a salvação é pela graça, por meio da fé (Efésios 2.8); e ensinou aos romanos que Abraão foi justificado pela fé (Rom 5.1).

Crer é dar crédito; é aceitar como verdadeiro, e é também confiar e submeter-se. O que crê em Jesus como Salvador está acreditando sem nenhuma dúvida que ele é real, que ele é o Filho de Deus, que ele veio ao mundo, que ele deu a vida na

cruz, que ele ressuscitou, que ele subiu para o céu, que ele tem todo o poder, que ele voltará para realizar o juízo final e estabelecer definitivamente o reinado de Deus. Além de ter essas convicções, quem crê também confia; sabe que Jesus pode salvar, e que deseja salvar. E, finalmente, se submete, entrega-se, declarar-se a Jesus como pronto a segui-lo pela vida toda; quer aprender dele e quer obedecer seus mandamentos. Crer, então, é acreditar, confiar e submeter-se. Essa é a fé completa, é a fé evangélica, é a responsabilidade do pecador para ser salvo.

A RESPONSABILIDADE DE ARREPENDIMENTO

Para que alguém seja salvo, não é suficiente que reconheça o pecado. É preciso, também, que se arrependa dele. Mas, perguntará alguém, o que vem a ser arrependimento? Há quem pense no arrependimento como sendo remorso; há, também, quem o confunda com uma atitude de desencanto e receio de fazer de novo alguma coisa errada somente pelo temor das consequências. Suponhamos que um homem cometeu um crime e foi condenado a vários anos de prisão. Quando alguém o visita e pergunta se está arrependido de ter praticado o crime, o homem responde que sim. Teria ele realmente se arrependido, como ensina a Bíblia ser necessário para a salvação, ou estaria tão somente com pena de si mesmo? De fato, ele refletiu que teria sido melhor não ter cometido o crime, não propriamente

suas presenças atos normais de homens (Gên 18 e 19), lutou em forma de homem com Jacó (Gên 32.24).

2. Dando de si mesmo visões a alguns homens - como, por exemplo, quando se revelou a Moisés, em Midã, e o mandou ir ao Egito libertar seu povo, e quando comissionou Isaías pregador, conforme relato de Isaías capítulo 6.

3. Falando por meio de sonhos algumas vezes e outras, por meio de voz audível - como chamou Samuel quando este ainda era menino.

4. Consumando seu plano de salvação do homem, revelando-se na pessoa do próprio Filho.

OBJEÇÕES À DOUTRINA DA REVELAÇÃO

Existem várias objeções à possibilidade de revelação, que podem ser agrupadas em três tipos:

1. Objeção do agnosticismo - "O agnosticismo não afirma nem nega a realidade de Deus, mas nega que Deus possa se comunicar conosco. O absoluto e infinito está tão retirado dos homens - dizem os agnósticos - que não pode dar-se a conhecer a eles" (MULLINS, E.Y. *La Religión Cristiana en su Expresión Doctrinal*. El Paso, Texas, USA, Casa Bautista de Publicaciones, p. 140). O agnosticismo não é um sistema apoiado em nenhuma teoria científica do conhecimento. É, antes de tudo, um processo subversivo, que distorce tudo, que não reconhece a coerência do mundo, que não reconhece que o

homem tem poderes de personalidade semelhantes a Deus, que possibilitam a este manifestar-se, e ao homem receber e entender a manifestação.

2. Negação panteísta - Panteísmo é a concepção filosófica que não reconhece a realidade de Deus distinto e diferente do mundo tangível, e ensina que Deus é imanente em todas as coisas. Entretanto, toda revelação registrada nas Escrituras baseia-se na concepção de um Deus pessoal, distinto do universo e a ele superior, ao qual criou e governa. Deus existe em si mesmo, e tem consciência de si próprio e do mundo exterior que ele mesmo criou. Pode, portanto, revelar-se à sua criatura, que ele fez também inteligente, à sua imagem e semelhança.

3. Negação das religiões naturais, ou filosóficas - Ensinam, de modo geral, que a divindade faz parte da natureza do próprio homem, e que este descobriu a divindade em si mesmo pela razão, ou iluminação própria. Trata-se do fenômeno psicológico e religioso chamado misticismo, que leva as pessoas a desprezarem o que vem de fora para encontrarem Deus por si mesmos, na própria natureza e em seu mundo interior. Esse misticismo, tendo sido incorporado a movimentos religiosos evangélicos, tem contribuído para a desvalorização da Bíblia como registro da revelação de Deus, para dar lugar a sonhos, visões, vozes, que algumas pessoas dizem ser capazes de ter, recebendo revelações diretas de Deus. A autoridade da Bíblia é substituída

pela autoridade de homens e mulheres que dizem ser revelados, que dizem ser profetas e profetisas. A revelação, entretanto, é exterior, vem de Deus para o homem; e encerrou-se por se completar na consumação do Novo Testamento.

O ESPÍRITO SANTO E A REVELAÇÃO

A Bíblia diz, textualmente, que o Espírito Santo é o agente da revelação. Eis algumas passagens:
1. 2Pedro 1.21 - "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homens, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo".

2. 1Pedro 1.10,11 - "Desta salvação inquiriram e indagaram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que para vós era destinada, indagando qual o tempo ou qual a ocasião que o Espírito de Cristo que estava neles indicava, ao predizer os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir".

3. Efésios 3.5 - "O qual (Cristo) em outras gerações não foi manifestado aos filhos dos homens, como se revelou agora no Espírito aos seus santos apóstolos e profetas".

4. João 16.12,13 - "Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras".

livro de Atos e o Apocalipse, formando o Novo Testamento.

A REVELAÇÃO SE COMPLETOU NO APOCALIPSE

Não há mais revelação. O Cordeiro do Apocalipse revelou a João as coisas que são e as que haveriam de acontecer (Apoc 1.19), e encerrou o livro usando linguagem que denota o encerramento da própria revelação (Apoc 22.18,19). E conclui pelo testemunho do próprio Cordeiro, dizendo que "certamente cedo venho" (Apoc 22.20).

Deus revelou-nos tudo quanto, em sua sabedoria, julgou necessário. Agora, o Espírito Santo que nos foi dado, e que habita em nós, guia-nos em toda a verdade revelada e conservada na Bíblia, à medida que a lemos, ouvimos, estudamos e oramos. Toda e qualquer questão da vida cristã encontra sua resposta na Palavra de Deus. Aqueles que se levantam dizendo-se revelados, que dizem sonhar, ter visões e ouvir vozes, estão em confusão, da qual devemos manter afastadas nossas igrejas.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 18

Terça - Hebreus 1.1-5

Quarta - Salmo 19.1-14

Quinta - Efésios 3.1-5

Sexta - 1Samuel 3.1-10

Sábado - Romanos 1.18-22

Estudo 11

REDENÇÃO - NOSSA RESPONSABILIDADE

Texto bíblico: Isaías 55.1-6

A salvação do pecador é obra da providência de Deus, e é concedida pela sua graça, através do sacrifício que de si mesmo fez o Filho unigênito, Jesus Cristo. Deus decretou salvar o homem, e decretou o único meio de salvar, o sacrifício do seu Filho. Estabeleceu as condições necessárias a serem cumpridas pelo pecador, para poder alcançar a salvação oferecida. Atender a essas condições é a responsabilidade do pecador, diante da manifestação do amor de Deus, se quiser receber a salvação.

O amor de Deus abrange o mundo inteiro, conforme lemos em João 3.16, e sua vontade é que todos os homens se salvem (1Tim 2.3,4). O meio que ele estabeleceu para realizar a salvação, foi providenciado e oferecido a todos, indistintamente (1Tim. 2.6). O que separa os homens em dois grupos, salvos e perdidos, não é um decreto da soberania de Deus, mas a atitude que os homens assumem, consigo mesmos e diante do plano de Deus para a salvação. Ele estabeleceu que aquele que crê é salvo, enquanto o que não crê permanece na condenação (João 3.16,17).

Como ser moral, portanto livre no exercício de sua vontade, o homem faz escolhas, faz avaliações, toma decisões, forma atitudes em tudo, e também, no tocante ao seu relacionamento com Deus e a salvação, é ele quem decide o destino de sua alma. Nessa capacidade de escolher, de decidir, de querer ou não querer, é que reside a responsabilidade fundamental do homem pela sua própria salvação.

Um episódio bíblico que exemplifica com clareza essa questão da responsabilidade do pecador diante da providência de Deus para a sua salvação, é o da conversão do carcereiro de Filipos (Atos 16.25-32). Diante do testemunho de Paulo e Silas, que cantavam na prisão louvores a Deus e ali estavam, sem terem se valido das portas que se abriram para fugirem, e ainda lideraram os outros presos para permanecerem onde estavam, o carcereiro percebeu que estava diante de homens que eram servos de Deus e tinham autoridade para orientá-lo sobre o que fazer para ser salvo. Então fez a pergunta: "Que me é necessário fazer para me salvar?" (v.30).

A redenção do pecador é resultado da providência de Deus que, em virtude de seu amor, em Cristo nos vivificou (isto é, deu-nos vida, estando nós mortos) e ressuscitou da morte em Cristo - "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus" (Efésios 2:4-6). É, pois, pela graça de Deus que somos salvos, sem a participação de nossas obras. A graça de Deus é a disposição íntima de Deus em amar, buscar e salvar, sem esperar da parte do perdido nenhuma recompensa. É a disposição de amar, buscar, perdoar e recuperar para si mesmo o pecador perdido. A manifestação visível da graça de Deus foi a dádiva de Jesus Cristo oferecendo-se em sacrifício pelo pecador.

O PREÇO DA SALVAÇÃO

Na Primeira Carta de Pedro 1:18-21, o apóstolo apresenta-nos o preço da redenção, a saber, o sangue do Senhor Jesus Cristo. Ele emprega a figura da compra de escravos. O pecador é escravo da maneira vã de viver, ou do curso deste mundo, ou, ainda, é dominado pelas paixões da carne, é escravo da morte e de Satanás. Surge na História o Senhor Jesus, disposto a resgatar para si e para Deus esse pecador, e o preço do resgate não foi prata, nem ouro; foi o precioso sangue de Jesus.

Jesus deixou a glória celestial, fez-se homem, assumiu a culpa dos pecados de todos os homens e deu a vida por causa deles. Esse foi o preço que Deus pagou pela nossa libertação, pela nossa redenção, pela nossa salvação.

CONCLUINDO

Aspecto muito significativo de nossa salvação é o da recuperação que é feita por Deus através do sacrifício do seu Filho. O apóstolo Paulo diz, citando o Salmo 14, que "*Todos de extraviaram; juntamente se fizeram iníteis*" (Romanos 3:12). Isto que dizer que Deus, por Jesus Cristo, intervém na vida do homem, resgatando-o e libertando-o de uma situação terrível e fazendo com que ele seja útil aos seus propósitos. O crente, então, deve procurar viver uma vida de santidade, que demonstra a Cristo a gratidão pelo preço que ele pagou, gratuitamente, pelo nosso resgate do pecado, o seu próprio sangue derramado na cruz do Calvário.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - *Isaías 53*
- Terça - *João 1.1-14*
- Quarta - *João 3.15-19*
- Quinta - *Rom. 3.21-26; 5.1-11*
- Sexta - *2Cor. 5.1-21*
- Sábado - *Efésios 2.1-10*

Estudo 4

A DOUTRINA DE DEUS

Textos bíblicos: Salmo 53:1-6; Salmo 145:8-20; João 4:23,24; Atos 17:22-29

Há uma relação muito íntima, de causa e efeito, entre a concepção que os povos fazem da divindade e o modelo de vida moral que eles praticam. A depravação moral, a injustiça e a perversidade generalizada sempre acompanham o ateísmo, ou a crença em deuses concebidos conforme a imaginação e as paixões humanas, e também a atitude de desprezo a Deus. Há, na Bíblia, dois salmos que registram essa verdade, o Salmo 14 e o 53, onde lemos a respeito da loucura do homem que não reconhece a existência de Deus e da corrupção generalizada da raça humana, que se faz abominável pelo seu desvio do bem que é estabelecido por Deus.

Além dessa imoralidade consequente do afastamento de Deus, as falsas concepções que os homens fazem de Deus determinam diferentes tipos de cultos, que consistem em idolatria e superstições, como ensina o apóstolo Paulo na carta aos Romanos 1:18-32.

Havendo essa relação de causa e efeito entre o tipo de concepção da divindade e o modelo de vida e de culto que as pessoas adotam, facilmente podemos reconhecer o valor e a necessidade que temos de

alcançar, com maior exatidão possível, o verdadeiro sentido da revelação de Deus contida nas Escrituras. Foi o próprio Senhor Jesus quem disse: "deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24). Quanto mais conhecermos a doutrina de Deus, tanto mais correto será o culto que lhe prestamos, e tanto mais piedosa, santa e justa poderá ser a prática de vida de seus servos.

A EXISTÊNCIA DE DEUS

A Bíblia não procura provar a existência de Deus. Ela pura e simplesmente inicia referindo-se a ele como aquele que criou os céus e a terra, os seres viventes e, em especial, o ser humano (Gênesis 1:1-2, 25). E, em seu desenvolvimento, vai revelando Deus a dirigir a História, exercendo seu poder e justiça, formando um povo especial, revelando-se através de profetas, até que, na plenitude dos tempos, envia seu Filho para redenção do homem (Gálatas 4:4,5). Em resumo, a Bíblia ensina a Existência de um só Deus, pessoal, infinito, onisciente, onipresente e onipotente, que criou o

universo e a vida, que é Pai, que é Deus de justiça, misericórdia e amor e que, não indiferente à queda e degradação do homem, buscou-o e providenciou o meio eficaz de sua salvação, e que vai estabelecendo seu reino, até sua consumação com a criação de novos céus e nova terra e o estabelecimento de seu tabernáculo com os homens.

A realidade da existência de Deus se impõe por si mesma. O mundo é uma realidade cujos mistérios e maravilhas o homem mal começou a desvendar. A constituição da matéria a partir de ínfimas partículas de energia, a vida com todos seus sistemas de organização, o sustento dos astros segundo leis imutáveis, as maravilhas da estrutura do corpo e da mente humanos, toda essa realidade exige, para quem é mentalmente sadio, a existência de uma realidade superior, subjacente e causadora, que é Deus.

Para nós, crentes em Jesus, existe também a evidência da relação pessoal que Deus estabeleceu conosco. Nós temos o testemunho interno, íntimo, do espírito santo, na transformação de nossa vida, na doce comunhão que temos com ele, nas respostas à oração e na suficiência da fé.

ANATUREZA DE DEUS

Atos 17:22-29

Paulo estava na cidade de Atenas, capital da Grécia, ponto mais distante de sua segunda viagem missionária, e, tendo pregado em

praça pública, foi levado ao Areópago (lugar onde se reuniam os membros da suprema corte de Atenas para proferir sentenças), para expor, diante dos intelectuais atenienses, aquilo que pregava ao povo. Não havia um processo de julgamento contra o apóstolo, porém um ajuntamento de homens eminentes e cultos para ouvir o estrangeiro que alguns filósofos atenienses haviam classificado de "paroleiro" (17:18).

Ao discursar, Paulo expôs sua crença em Deus. Os gregos tinham centenas de deuses e cada um deles era patrono de um diferente aspecto de vida, ou de um grupo de pessoas, ou categoria. Havia o deus da guerra, o deus do comércio, da fecundidade, da caça, da lavoura, etc. Eram profundamente religiosos e expressavam essa religiosidade dedicando a cada um desses deuses um altar especial, encimado pelo seu nome. E, temerosos de que houvesse algum deus ao qual eles não conhecessem e que um dia poderia visitá-los e encher-se de ira em virtude de não ser por eles adorado, construíram um altar que dedicaram "Ao Deus Desconhecido".

Paulo partiu dessa crença, dizendo que anuncjava exatamente esse Deus desconhecido, a quem os atenienses honravam sem conhecer. E, em seu discurso, revelou vários aspectos da natureza de Deus, como segue:

1. Deus é *espírito infinito* - Deus não é matéria, e que não pode ser dimensionado. Espírito é uma forma de existência não material; é

ORIGEM E INICIATIVA DA SALVAÇÃO

A salvação se origina de Deus. A iniciativa da salvação é de Deus e se deve ao seu amor (João 3.16; Romanos 3.25; 5.8; Gálatas 4.4). Na iniciativa de Deus está a manifestação de sua soberania, de sua vontade e também de todos os seus atributos, como misericórdia, amor, justiça etc. A soberania de Deus, a liberdade absoluta dele em exercer sua vontade e seus poderes, sem que nenhum outro poder externo possa manifestar-se ou impedi-lo, não significa que Deus pudesse ser contraditório consigo mesmo. Essa manifestação de soberania é a expressão de todo o seu ser, na inteireza de sua perfeição, e ele jamais iria decretar que alguns homens se perdessem. No dizer de Langston, "a iniciativa de Deus na salvação não priva ninguém de salvar-se, porque Deus visa à salvação de todos... Deus não predestina um para a salvação e outro para condenação. A sua vontade é que todos se salvem... Verdade é que Deus predestina que aquele que crê será salvo, assim como o que não crê já está condenado. É verdade também que predestinou o meio de salvação, um único meio, com exclusão de qualquer outro; mas Deus não predestinou os que haviam, ou os que não haviam de crer. Decretado está, porém, que todo aquele que crer será salvo, assim como o que não crer, condenado" (LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*, Rio de Janeiro, JUERP, pag. 219).

A iniciativa de salvação da parte de Deus antecede a própria criação. Ele anteviu a possibilidade de queda, e antes de criar o homem já tinha preparado o antídoto contra o pecado, que é o Cordeiro dele, o Filho unigênito, oferecer a vida em lugar dos pecadores (Apocalipse 13.8).

O PLANO E A PROVIDÊNCIA DE DEUS PARA A SALVAÇÃO

O plano de Deus começa a se revelar pouco depois da queda do primeiro homem. Ele prometeu que mandaria aquele que haveria de esmagar a cabeça da serpente (Gênesis 3.15). Ele estabeleceu que seu Filho daria o sangue em resgate dos pecadores, e que esse seria o único meio de redenção. Como dissemos anteriormente, antes mesmo que o homem pecasse, aliás antes mesmo que fosse criado, já a providência de Deus estava operando na eternidade, com o sacrifício do Cordeiro.

Deus chamou Abraão, formou o povo especial, revelou-se de muitas maneiras, em diversas ocasiões, pelos profetas (Hebreus 1.1), e conduziu a História até a plenitude dos tempos, quando mandou seu Filho ao mundo para remir os que estavam debaixo da lei (Gálatas 4.4,5). Estabeleceu, para o povo especial, o sacerdócio figura do sacerdócio de Cristo, e o culto sacrificial provisório, que simbolizava o sacrifício do Cordeiro, perfeito em sua natureza e em seus efeitos para a redenção dos homens. E estabeleceu o decreto de que a

QUE VEM A SER SALVAÇÃO?

Quando se fala em salvação, de que se fala? O plano que Deus conduziu através dos milênios e que culminou na cruz do Calvário foi para salvar o homem de que? Da ignorância? Da pobreza? Da opressão política exercida por um povo sobre outro, ou de ditadores sobre seu povo? De alguma ideologia, para adotar-se outra?

Para entendermos corretamente o que é salvação, segundo ensino da Bíblia, precisamos voltar ao início de tudo. Tendo Deus criado o homem, com o propósito definido de formar, de uma semente, uma humanidade que o glorificasse, e tendo ordenado ao homem que o obedecesse, este, induzido por Satanás, a antiga serpente, desobedeceu, pecou, e como consequência a morte entrou em sua natureza, tanto a morte física, como a morte espiritual, ou seja, completa separação de Deus, conforme se lê em Romanos 3.23. Com a entrada do pecado no mundo, com a entrada da mente de Satanás na mente do homem, a raça humana se degenerou, a tal ponto de o apóstolo João dizer que "o mundo inteiro jaz no maligno" (1João 5.19). E a destinoção do homem pecador, separado de Deus pela rebeldia do pecado, passou a ser o inferno, preparado para Satanás e seus anjos, por toda a eternidade (Mateus 25.41). A raça toda, o mundo todo, perdeu-se. Deus, então, por seu amor, decretou salvar sua criação. Salvar, então de que? Do domínio de Satanás; do domínio do pecado; dos resultados

do pecado; da morte; da condenação ao inferno; do desvio do alvo de Deus para suas criaturas, para recolocá-las no rumo certo, para restaurar sua finalidade, para livrá-las da morte, para glorificá-las, para fazer delas, na culminância dos tempos, o seu povo que haverá de habitar no céu com ele eternamente em louvor e serviço. Esta é a idéia bíblica de salvação.

A salvação do pecador é, então, o ato praticado pela misericórdia e pelo poder de Deus que consiste em resgatá-lo da dominação de Satanás, das trevas, da morte, da perdição, e transportá-lo para o reino de Deus (Colossenses 1.13). E esse ato de libertação consiste em perdoar, transformar em nova criatura, adotar como filho, limpar dos pecados, justificar, dar a vida eterna, garantir a ressurreição do corpo e a habitação em glória, no lugar em que Jesus está, por toda a eternidade. A salvação é, também, um processo desenvolvido por Deus que começa com a libertação, transformação e concessão da vida eterna, e prossegue através do processo de santificação até a consumação, quando o Senhor virá, e publicamente proclamará: "Vinde benditos de meu Pai" (Mateus 25.34), criará novos céus e nova terra, fará descer do céu a nova Jerusalém, a cidade perfeita, eterna e celestial, onde estará o trono de Deus e do Cordeiro, e onde nós, seu povo, habitaremos com ele eternamente (Apocalipse 21 e 22).

A salvação do pecador é, então, a sua recuperação feita por Deus para si mesmo, para consumar nele seu propósito eterno.

uma substância imaterial, invisível e indestrutível. Não é dependente da matéria nem tem conexão com ela. Por isso se diz que Deus, sendo espírito, é transcidente, isto é, existe em si mesmo, fora do mundo físico, o qual Ele criou, ordenou e sustém. Por isso mesmo, não habita em templo feito pelas mãos dos homens.

2. Deus é o Criador e Senhor de todas as coisas (v.21) - Como criador de todas as coisas, Deus é o Todo-Poderoso soberano que sustenta e governa não somente o universo material, com suas leis, mas também dirige a História, para levá-la à consumação de seu propósito. O teólogo Augustus Hopkins Strong, mundialmente conhecido pelo último sobrenome, define Deus da seguinte maneira: "Deus é o infinito e perfeito Espírito em quem todas as coisas têm sua fonte, sustentação e fim" (*Systematic Theology*, The Judson Press, p. 52).

3. Deus é Criador de todos os homens e, nesse sentido, é o pai de todos os povos - Todos os homens, todos os povos, se originaram de um só homem, e receberam a vida do próprio Deus. Nele vivemos, nele nos movemos e existimos (v. 25-28). Paulo demonstrou ter conhecimento da literatura grega, citando textualmente um de seus poetas. Isso não somente mostra a habilidade de Paulo, e sua vasta cultura, mas também o fato de que a verdade sobre Deus, como o Ser em quem está a vida, já era uma concepção existente no mundo, fora da mentalidade dos judeus, formada pela revelação de Deus.

A afirmação de que todos os homens do mundo procederam de um só, criado por Deus, contrariou a crença dos gregos, que acreditavam numa lenda, de que seus antepassados tinham brotado da terra, no território da Ática. E logo que Paulo referiu-se à ressurreição dos mortos, contrariando o pensamento grego, começaram a zombar dele, e deram por finda a reunião (17:32). Mas alguns creram, inclusive um membro do Areópago, de nome Dionísio.

Deus é revelado como o Deus vivo, que tem a vida em si mesmo e que é a própria vida. Vida é uma idéia simples, de definição impossível. Deus é o Deus vivo, sendo ele próprio a fonte e a sustentação de toda a vida. Vida é energia consciente de si mesma, provida do poder de criação e atividade. Nossa fé concebe Deus assim, e não como qualquer poder cego, ou como energia difusa, uma inexplicável causa primária originadora de tudo.

4. Deus não pode ser representado por qualquer figura ou por qualquer ser da natureza (v. 27) - É uma das manifestações da arrogância humana representar Deus por seres da natureza, e até confundi-lo com alguns deles, e ainda representá-lo por imagens feitas de ouro, prata, pedra ou madeira.

5. Deus é único, pessoal e absoluto e é como Deus pessoal que deseja trazer os homens à sua comunhão (v.27) - As Escrituras representam Deus como Deus com personalidade e, portanto, distinguem-no de qualquer idéia de mera energia cósmica, causa cega inicial do processo da vida, poder imanente na

própria matéria etc. Deus é o mais alto grau de consciência de si próprio e de autodeterminação. E nós fomos criados por ele à sua imagem e semelhança.

A respeito de outros aspectos da natureza de Deus, basta citar, por exemplo: a) Deus é onipresente (Járemias 23:24); b) Deus é onisciente (Mateus 10:30); c) Deus é todo-poderoso (Gênesis 17:1).

A MANIFESTAÇÃO TRIÚNA DE DEUS

A Bíblia ensina que existe um só Deus, que se manifesta em sua atividade no mundo como três pessoas existentes em uma só natureza. Não são três indivíduos, três deuses, porém um Deus manifestando-se em três personalidades: Pai, Filho e Espírito Santo.

1. Deus como Pai - Muitas são as passagens bíblicas que se referem a Deus como Pai, das quais mencionamos João 6:27. Jesus revelou Deus como Pai, aquele que criou, sustenta e governa o universo e que opera a providência para realização de seu plano de salvação do homem.

2. Deus como Filho - Basta mencionar João 1:1-14. O Verbo, Jesus, veio habitar com os homens. É o Deus Filho, o que é a expressão individualizada e histórica de Deus, porém com as limitações físicas, enquanto encarnado.

3. Deus como Espírito Santo - Mencionamos Gênesis 1:2, em que ele é chamado o Espírito de Deus; Atos 16:7, em que é referido como Espírito de Jesus; João 16:13, em que é chamado de Espírito de

Verdade. O Espírito Santo é Deus individualizado, porém invisível, e sem limitações, que veio para habitar em cada coração convertido e guiá-lo em toda a verdade. É Deus operando para convencer o mundo, para guiar os crentes na verdade e para glorificar a Jesus (João 16:7-15).

O CARÁTER DE DEUS

1. Deus é bom - Sua bondade se caracteriza pelo fato de ser: a) piedoso; b) benigno; c) sofredor; d) misericordioso (Salmo 145:8,9). No salmo 52:1 lê-se que "a bondade de Deus permanece para sempre".

2. Deus é verdadeiro e não pode mentir - Tito 1:2.

3. Deus é justo - Salmo 7:9-11.

4. Deus é santo - Apocalipse 15:4.

5. Deus é amor - 1 João 4:8,16.

CONCLUINDO

O verdadeiro culto precisa ter natureza compatível com a natureza de Deus. Por isso, ensinou-nos o Senhor, o culto precisa ser em espírito e em verdade. Deve ser o tributo de nossa personalidade regenerada, saído de nossa alma redimida por Jesus, e deve ser prestado em conformidade com sua Palavra.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gén. 1-2.1-25

Terça - Atos 17.22-29

Quarta - João 16.7-15

Quinta - Salmo 7

Sexta - 1 João 4.1-16

Sábado - Salmo 52

Estudo 10

A DOUTRINA DA SALVAÇÃO

Textos bíblicos: Isaías 53; João 1.1-14; 3.16-19; romanos 3.21-26; 5.1-11; 2Coríntios 5.14-21; Efésios 2.1-10; 1Timóteo 2.6; Hebreus 9.11.15

A doutrina da salvação ocupa lugar central na fé cristã. Ela é central em toda a revelação e providência de Deus. Toda a história da revelação registrada na Bíblia, a formação do povo especial, a direção da História preparando o mundo para a vinda de Jesus, a realização da obra dele, a atuação do Espírito Santo, tudo gira em torno de uma vontade, de um sentimento, de um propósito, de um plano só: a salvação do homem por Deus.

A falta de conhecimento adequado do ensino da Bíblia a respeito da salvação pode resultar em distorções importantes, prejudiciais à vida do próprio crente, e prejudiciais ao desenvolvimento do reino de Deus através da obra de evangelização e missões. Uma dessas distorções, por exemplo, é a idéia da predestinação radical, do calvinismo, que coloca a salvação como decretada por Deus para certas pessoas, enquanto outras são desde a eternidade predestinadas à perdição. É uma maneira de crer que anula o amor e o propósito de Deus em relação à salvação. Outra distorção é a de pensar-se em salvação como processo de levar a humanidade ao desenvolvimento educacional e

econômico, para que seja libertada dos males da ignorância e da miséria, sem levar-se em conta o livramento da alma, para viver eternamente com Deus. Ainda outra distorção consiste na idéia de que uma pessoa salva por Cristo possa vir a perder a salvação. E, finalmente, existe também a distorção que consiste em pensar alguém que a salvação possa ser conquistada por esforços e méritos pessoais, de obediência a leis e realização de obras.

É preciso, portanto, conhecer-se bem a doutrina da salvação, para termos absoluta segurança e paz, para sermos estimulados a levar o evangelho a outras pessoas, e para mantermos nossas igrejas como fiéis seguidoras da sã doutrina, em meios a tantas concepções, crenças sem base bíblica.

Dividimos o assunto em duas partes. Nesta primeira, estudaremos o conceito de salvação, a origem do esforço para a salvação da humanidade, a iniciativa e o plano de salvação e o preço da nossa salvação. Na segunda parte, assunto do próximo estudo, estudaremos a participação do homem na sua salvação.

7) Degeneração moral completa da primeira humanidade, que levou Deus a destruí-la com o Dilúvio. Essa degeneração está crescendo de novo e Deus fará a última intervenção, estabelecendo o juízo final. 8) Completa perdição, a condenação espiritual do homem a viver num lugar de sofrimento eterno criado para o Diabo e seus anjos, que a Bíblia chama inferno (Mateus 25:41).

A PROVIDÊNCIA DE DEUS CONTRA O PECADO

Desde que o homem caiu em desobediência, e por causa disso foi amaldiçoado sobre a terra, Deus fez a promessa de atuação de sua graça no mundo, para restaurar o homem. Ele prometeu que, da semente da mulher, suscitaria aquele que haveria de esmagar a cabeça da serpente (Gênesis 3:15). De então para o presente, Deus atuou de muitas maneiras, através dos milênios, revelando-se, revelando sua lei, formando um povo especial, instituindo o sacerdócio simbólico de Cristo, e, na culminância, na plenitude dos tempos, enviou Jesus, para ser o nosso Salvador (Gálatas 4:4,5). Essa providência de enviar o Filho que haveria de morrer é eterna. Em Apocalipse 13:8, lemos que o Cordeiro foi morto desde antes da criação do mundo. E a obra de Jesus, na cruz do Calvário, morrendo para pagar a culpa do pecado de todos, e vencendo a consequência da morte pela ressurreição, é para tirar o pecado

do mundo. João Batista apontou para ele, e disse: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). E em sua Primeira Carta, o apóstolo João escreveu: "Para isto o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo" (1João 3:8).

CONCLUINDO

O preço do pecado é a morte, mas, pela graça de Deus, mediante arrependimento e fé, recebemos a vida. Não como paga, porque jamais poderíamos alcançar direito a ela, mas como dádiva, ou presente, algo que é dado pela graça de Deus. É necessário, então, que ajudemos outros a alcançar essa mesma graça, cooperando com o Senhor na realização de sua obra, que é tirar o pecado do mundo, e destruir as obras do Diabo, resistindo pessoalmente ao pecado, esforçando-nos por uma vida de santificação e em procurando trazer outras pessoas a Cristo, para que também sejam perdoadas a salvas, ficando livres das consequências do pecado.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - *Gén. 2.1-17*
- Terça - *Gén. 3.1-8*
- Quarta - *Rom. 1.13-2.11*
- Quinta - *Rom. 3.9-25*
- Sexta - *Rom. 5.12-21*
- Sábado - *Rom. 7.7-25*

Estudo 5

QUEM É JESUS CRISTO?

Textos bíblicos: João 1:1-14; 6:35-40; Mateus 16:13-16; Filipenses 2:5-11; Colossenses 1:12-20

"Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" O Senhor Jesus fez esta indagação aos seus discípulos quando chegou às partes de Cesaréia de Filipo, quando para ali empreendeu uma retirada com eles (Mateus 16:13). A resposta de Pedro revelou que havia diversidade de opiniões, julgando alguns que fosse o profeta Elias, outros João Batista, outros Jeremias e ainda outros que fosse qualquer um dos profetas (Mateus 16:14 e Marcos 8:28). Quanto a Pedro, declarou crer que Jesus é "o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mateus 16:16).

Quem é Jesus? Ainda hoje as opiniões a respeito de quem é Jesus são divergentes, para os que não têm fé. Há os que simplesmente não crêem que ele tenha existido, negando sua realidade histórica, enquanto outros, conquanto não tenham dúvida sobre sua realidade histórica, dizem ter sido ele um filósofo, um revolucionário, um espírito de luz etc.

É importante termos uma sólida compreensão bíblica não somente da realidade histórica de Jesus, mas também de sua divindade, de ser ele o Filho de Deus, de sua missão messiânica e da obra que realizou e

continua realizando na implantação do reino de Deus, porque somente assim haverá segurança; porque só assim andaremos no caminho da fidelidade à Palavra de Deus. "Quem não crê que Jesus é o Filho de Deus, no sentido de ser a própria divindade encarnada, não pode, em verdade, crer em mais nada, a não ser em seus próprios argumentos, permutando a revelação de Deus pelas conjecturas do saber humano"(LIMA, Delcyr de Souza. *Teologia Dinâmica do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: p. 69).

QUEM É JESUS?

1. Ele é o Filho de Deus - Os gnósticos do tempo apostólico andavam ensinando que Jesus não era real, que ele era simplesmente uma aparição, uma espécie de emanacão de Deus. Então, o apóstolo João tomou a iniciativa de escrever seu Evangelho, para ensinar que Jesus é real, que ele veio em carne, que ele é uma pessoa, e que é o Filho de Deus. Ele declarou essa finalidade de seu Evangelho com estas palavras: "Estes 'sinais' porém, estão escritos para que creias que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (João 20:31).

2. Ele é o Verbo encarnado (João 1:1-14) - Verbo significa Palavra, Razão, Pensamento, com o sentido de Expressão ativa de Deus. Jesus é a manifestação materializada e individualizada da Pessoa chamada Verbo, existente em Deus, forma pela qual Deus se exterioriza no mundo temporal. É a revelação e manifestação material e pessoal do deus invisível.

3. Jesus é Eterno e Divino - Jesus era o Verbo, e este não foi criado. Sempre existiu, porque é o próprio Deus gerando eternamente em si mesmo essa forma pessoal e individualizada de existir e de agir em seu relacionamento com os seres individuais por ele criados. Desde que Jesus é o Verbo, e este estava com Deus e era Deus (João 1:1), conclui-se que Jesus Cristo é eterno e divino. A palavra "princípio", usada por João, significa o tempo da eternidade antes de haver criação. A idéia é a mesma, quando o Senhor disse: "Antes que Abraão existisse, eu sou" (João 8:58).

João disse, também, que o Verbo estava com Deus e, explicitamente, que o Verbo era Deus. Isso significa o seguinte: 1) O Verbo é uma pessoa, como deus o pai é uma pessoa; 2) O Verbo tem comunhão íntima com Deus; 3) O verbo participa tanto da natureza como da atividade de Deus em toda a sua obra; 4) Embora sendo pessoa distinta da de Deus, o Verbo é, com ele, uma só pessoa em essência.

4. Jesus é o Agente de Deus na criação, na revelação e na regeneração - Ele é o Criador de todas as coisas (v.3). É a vida e a luz

eterna que se manifestou aos homens (v.4, 5 e 9) e é quem dá a virtude capaz de transformar os homens em filhos de Deus para a salvação (v.12).

JESUS É DEUS E TAMBÉM HOMEM

Jesus reuniu numa só personalidade tanto a natureza humana quanto a natureza divina. Quando o Verbo se fez carne, não assumiu apenas a aparência da natureza humana, mas, em realidade, adquiriu a própria natureza humana, exceto, apenas, o pecado. Foi como homem que ele nos substituiu na morte, dando a vida em nosso lugar na cruz; foi como homem que ele foi tentado e venceu e esmagou a cabeça da serpente, o Diabo, cumprindo a antiga promessa de Deus, de que mandaria a semente da mulher para fazê-lo (Gênesis 3:15).

Entretanto, Jesus não foi um homem comum. Ele foi gerado pela virtude do Espírito Santo de Deus - "Respondeu-lhe o anjo: Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, filho de Deus" (Lucas 1:35). Ele não era somente homem, mas também Deus. João, na passagem inicialmente indicada, diz que nele foi vista a glória, graça e verdade (1:14). Glória é a manifestação visível de Deus; graça é a disposição íntima de Deus, e também sua atividade, envolvendo-se deliberadamente no esforço de buscar e redimir o homem perdido; verdade é a perfeita conformação daquilo que a pessoa é, ensina e

exemplo, o pecado de Judas, que dolorosamente arquitetou vender o Senhor.

3. Pecado imperdoável, ou seja, o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo. Nessa graduação, a responsabilidade e a culpa são de tal profundidade que a malignidade ultrapassa a possibilidade de restauração. O Senhor Jesus referiu-se a esse tipo de pecado em Mateus 12:22-32. Alguns fariseus, roendo-se de inveja, ciúme e despeito, e querendo levantar o povo contra Jesus, atribuíram a Belzebu, o príncipe dos demônios, o milagre que Jesus realizara, injuriando dessa forma o Espírito Santo de Deus deliberada e conscientemente. O pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo consiste em alguém, conscientemente, a despeito de infalíveis evidências da operação do Espírito Santo, procurar confundilo com o próprio princípio das trevas.

Quando uma pessoa chega a proceder dessa maneira, já chegou a um grau de degeneração tal, de endurecimento do coração, que ousa fazer essa escolha hedionda, e não há mais possibilidade de arrependimento e perdão. Às vezes, há crentes que caem em depressão, julgando terem cometido esse pecado, e passam a sofrer muito. A esses, tranquilizamos, lembrando-lhes que a simples preocupação com o assunto, o medo e o escrúpulo indicam que eles de forma alguma teriam coragem de procurar confundir o Espírito Santo com o próprio Satanás. Trata-se de uma forma de opressão demoníaca.

Esses irmãos devem lembrar-se que aceitaram Jesus como Salvador, que o Espírito Santo habita neles, e que as confusões que porventura estejam experimentando ou são resultantes de alguma enfermidade, ou alguma opressão satânica, e o recurso do louvor, da oração e da repetição de trechos poderosos da Palavra de Deus atuam de modo a produzir a libertação.

CONSEQUÊNCIAS DO PECADO

A grande consequência do pecado é a morte, em seus dois sentidos, físico e espiritual. Paulo diz, em Romanos 5:12, que pelo pecado entrou a morte no mundo. Se o homem não tivesse pecado não morreria e a história da humanidade seria outra. O homem, em alguma fase de sua existência, seria glorificado para a vida celestial sem experimentar a morte, a exemplo do que aconteceu, pela determinação de Deus, a Enoque e Elias, que foram transladados.

Além dessa consequência, a morte, houve várias outras, como segue: 1) Perda de comunhão com Deus; 2) Maldição sobre a terra; 3) Medo; 4) Decadência moral da humanidade; 5) Ódio e violência na convivência dos seres humanos, desde o assassinato de Abel pelo seu irmão, Caim, até todos os crimes mais hediondos de todos os tempos, e as devastadoras e cruéis guerras; 6) Sofrimentos físicos: o trabalho passou a ser penoso, lutando o homem contra forças adversas; o parto passou a ser com dores;

na maneira de pensar de Eva, a qual pecou. Com um processo de convencimento verbal, levou-a a desconfiar de Deus, e ela desobedeceu, e, posteriormente, também Adão. Nisso consistiu o pecado original: em desobediência. O apóstolo Paulo diz que a desobediência, início do pecado, foi, também, uma ato pelo qual o homem ofendeu a Deus (Romanos 5:19,20). Ofendeu porque duvidou de sua palavra, e porque se rebelou contra sua autoridade de Criador. Assim, então, a natureza do pecado se revela possuidora desses dois elementos: desobediência e ofensa. O pecado é um estado doentio da alma humana, de perversão, que consiste em atitude perene de rebeldia contra Deus, estado este que se manifesta em atitudes, pensamentos, palavras e atos de comportamento. As atitudes e pensamentos correspondem a formas do pecado em estado interior, íntimo, enquanto a linguagem, por gestos, pela fala ou pela escrita e os atos de comportamento de relação com as coisas e convivência com as pessoas são a exteriorização do pecado. Internamente, o pecado existe sob forma de concupiscência, e, externamente, em forma de cometimentos contrários ao caráter e à vontade de Deus (Tiago 1.14,15).

A ORIGEM DO MAL

Não podemos dizer, com certeza, qual a origem do mal. A Bíblia fala da revolta de um anjo que se rebelou contra Deus, e que foi

foi ele quem procurou, de todas as formas, impedir o avanço, no mundo, da realização do plano redentor de Deus; foi ele quem fez guerra contra o céu, mas foi derrotado e precipitado sobre a terra (Apoc. 12.7-9). Sabemos, então, da entrada do pecado no mundo, na terra, mas não sabemos da origem do mal no universo, a não ser que o mal é apenas a possibilidade contrária ao bem; e que Deus, tendo criado seres morais livres (anjos), admitiu a possibilidade de que viessem a adotar a natureza contrária do bem. O mal contaminou a terra, e Deus está agindo na extirpação dele da terra e de todo o universo, por meio de Jesus Cristo, seu Filho.

DIFERENTES GRADAÇÕES DE MANIFESTAÇÃO DO PECADO

Encontramos, nos ensinos do Senhor Jesus, menção a três diferentes tipos de manifestação de pecado, que formam uma graduação, diferindo uns dos outros pelas atitudes que os geraram.

1. Pecados por queda. São os pecados cometidos não como resultado de um processo de avaliação e deliberação consciente, mas como decisões momentâneas, resultantes de circunstâncias de crise, como, por exemplo, o pecado de Pedro ao negar ao Senhor, durante o julgamento.

2. Pecado deliberado. É o que a pessoa antecipadamente quer e planeja; e, voluntariamente, vai agindo, vai traçando caminhos, até chegar à sua realização, como, por

realiza como expressão e manifestação da realidade de Deus. Jesus é a verdade como pessoa histórica, é a verdade como operação da virtude de Deus na revelação e na obra de redenção que realizou por nós.

Esses aspectos da personalidade de Jesus, a perfeição de seu caráter, seus ensinos e suas obras, apontam para ele como o Filho Unigênito de Deus, como ensina o apóstolo João (1João 1:1,3).

ASPECTOS DA PESSOA E DA OBRA DE JESUS

Em Colossenses 1:12-20, encontram-se vários aspectos da pessoa e da obra do Senhor Jesus, conforme o Espírito Santo revelou ao apóstolo Paulo. Além desses aspectos, citaremos alguns outros, colhidos em diferentes passagens.

1. Jesus é o Redentor, o Libertador dos pecadores que crêem nele - Pelo derramamento de seu sangue temos a redenção (v. 14) e isso significa que Deus, em Cristo, nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor (1:13). Jesus é o agente de Deus que entra no campo de concentração em que Satanás mantém prisioneiros os pecadores, liberta-os, resgata-os e os transporta para outro lugar de segurança total, que é o seu reino.

2. Jesus é a imagem do Deus invisível (1:15) - Deus é Espírito, e como tal não pode ser visto. Ele não tem forma, nem aparência, nem limitação. Jesus Cristo é a sua manifestação exterior, sua individualização, sua revelação objetiva, visível, no mundo material, no tempo e na História.

3. Jesus é o primogênito de toda a criação (v.15) - A palavra "primogênito" significa "primeiro gerado". Porém, absorveu o sentido simbólico de governo, domínio e primazia conforme o costume da primogenitura entre o povo de Israel. O primogênito era o herdeiro do sistema patriarcal, e assumia a posse e o domínio das coisas e das pessoas da família quando o pai morria. Ter a primogenitura era exercer a liderança e o governo do grupo e da propriedade daquela época. Aplicada a Jesus, a palavra tem esse sentido da primazia.

4. Jesus é a essência da criação, e ao mesmo tempo é a finalidade última de tudo o que existe - Tudo foi criado por ele e para ele (1:16).

5. Jesus é o poder sustentador do universo (v17) - Ele antecede a existência do universo e dos seres, e tudo se sustenta pelo seu poder.

6. Jesus é o cabeça, o comando, o chefe, o principal da igreja, que lhe pertence - Ele é a cabeça da igreja (v.18), entendendo-se por igreja a sociedade constituída de regenerados por ele, que formam o povo de Deus, que formam o seu corpo no mundo.

7. Jesus é o primogênito e o princípio dentre os mortos (v.18) - É uma referência à sua ressurreição em glória, garantia de que ele ressuscitará, no último dia, seus servos, formadores do povo de Deus. Ele é o começo da derrota da morte, o começo da gloriosa manifestação da vida na ressurreição. Quer dizer, também, que ele tem a preeminência e o domínio sobre os mortos, aos quais ele ressuscitará.

8. Jesus é o agente de reconciliação de todas as coisas com Deus, estando nele toda a plenitude de Deus (v.19,20) - Estando em Jesus toda a plenitude de Deus, nada da essência, dos atributos e do caráter de Deus falta em Jesus. Ele é um com o Pai (João 14:9). Além disso, a extensão da obra de Jesus excede o âmbito da salvação do homem. Ele veio para reconciliar com Deus todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão no céu. A rebelião levantada por Satanás não se limitou a levar o homem à queda, mas também fez com que em todo o universo houvesse rebelião contra Deus. A obra de reconciliação que Jesus está realizando abrange todas as coisas.

Agora, outros aspectos ensinados em diferentes passagens:

9. Jesus é o nosso Sumo Sacerdote (Hebreus 4:14016) - Este assunto será desenvolvido no próximo estudo, o de número 6.

10. Jesus é o único Mediador entre Deus e os homens (1Timóteo 2:5).

11. Jesus é a própria vida e é doador da vida aos que crêem nele (João 11).

12. Jesus é o nosso Advogado, que intercede constantemente por nós diante de Deus (1João 2:1).

HUMILHAÇÃO E EXALTAÇÃO DE JESUS

Como ser humano e histórico, Jesus representa o máximo exemplo de humilhação (Filipenses 2:5-11). O ser eterno, divino, um com o Pai, essência da vida, agente da criação, sustentador e senhor de todas as coisas, aniquilou-se, isto é, esva-

ziou-se de sua glória, limitando-se à matéria, ao espaço e ao tempo, e tomou a forma de servo. E mais, fez-se pecado por nós, e submeteu-se a todos os desígnios do Pai, sendo obediente até a morte, para cumprir todo o plano de salvação. Mas Jesus foi recebido à destra do Pai depois de ter ressuscitado e de ter instruído os discípulos, e está reinando até o dia em que voltará a este mundo para estabelecer toda a sua soberania e para exercer o juízo final. Virá o dia em que ele será reconhecido por todos - "Para que ao nome de Jesus se sobre todo o joelho dos que estão nos céus e na terra, e debaixo da terra. E toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor" (Filipenses 2:10,11).

CONCLUINDO

Regozijemo-nos em nossa segurança, porque somos vencedores com Cristo. Ele nos fará ver a sua glória, e reinaremos com ele. Ele é real, é eterno e é Deus. Ele tem todo o poder e tudo quanto prometeu vai cumprir. Nós veremos sua glória e reinaremos com ele.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - João 1:1-14

Terça - João 6:35-40

Quarta - Mateus 16:13-16

Quinta - Filipenses 2:5-11

Sexta - Colossenses 1:12-20

Sábado - João 5:16-23

Estudo 9

O PECADO E A DEPRAVAÇÃO HUMANA

Textos bíblicos: Gênesis 3.1-8; Rom. 1.13-2.11;3.9-25;5.12-21;7.7-25

O Senhor Jesus disse: "Todo aquele que comete pecado é escravo do pecado" (João 8:34). Com essas palavras, estabeleceu definitivamente a relevância desse assunto, porquanto demonstrou que o pecado é algo capaz de escravizar a natureza humana e de levar os homens à perdição. "Ele é tão sério que toda a obra redentora de Jesus gira em torno dele. O pecado desviou o homem do caminho de vida idealizado por Deus. E assim, tendo o homem errado o alvo que Deus lhe estabeleceu, afastou-se do plano de Deus e abriu as portas para que o mal o atingisse; não somente a ele, porém à toda natureza. E por isso a terra gême sob maldição, e o mundo que hoje conhecemos, caracterizado pela maldade, pelas doenças, pelas perversões e pela morte, não é o mundo que Deus pensou criar" (LIMA, Delcyr de Souza. *Teologia Dinâmica do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: p.131).

O mundo que hoje conhecemos é o mundo depravado por causa do pecado, e essa depravação é explicada pelo apóstolo Paulo em Romanos 1:21-24,26.

O pecado trouxe não somente a depravação da raça humana, mas

também a morte e a condenação eterna para o homem que, separado de Deus, é incapaz de salvar-se a si mesmo, dependendo exclusivamente da graça de Deus em Jesus Cristo, desde que se arrependa e creia nele como o Filho de Deus e seu Salvador. Jesus Cristo é, assim, o único remédio contra o pecado que se instalou na raça humana. É significativa a referência que a ele fez João Batista, quando, passando o Senhor pelo lugar onde batizava, apontou para ele e disse aos circunstantes: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

A NATUREZA DO PECADO

Pelo relato de Gênesis 2:16-17 e 3:1-24; ficamos sabendo que o pecado original, o que desviou o ser humano de Deus, constituiu numa atitude interior e num ato exterior de desobediência a Deus. O Senhor tinha ordenado que não comessem do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, embora pudessem comer livremente de qualquer outro fruto (Gênesis 2:16,17). Então veio Satanás, a antiga serpente, e, blandiciamente, exerceu influência

e espírito - tratavam de uma só coisa em diferentes relações. Empregavam eles ordinariamente o termo espírito quando se referiam à relação da vida do homem para com as coisas terrenas" (LANGSTON, ^a B. *Esboço de Teologia Sistemática*. JUERP, p. 138). Apoio bíblico: "(...) e o pó volte para a terra como o era, e o espírito volte a Deus que o deu" (Eclesiastes 12:7); "E não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma, temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mateus 10:28). O uso dos três termos, alma, e corpo e espírito, em Hebreus 4:12 dá a entender a totalidade da personalidade, e não propriamente que no homem haja três elementos.

O PROPÓSITO DE DEUS PARA O HOMEM

O homem não está perdido na História. Quando Deus o criou, tinha um objetivo em vista. Segundo Isaías 43:7, fomos criados para a glória de Deus. Deus queria formar para si um povo seu, de piedosos (Malaquias 2:15), que tivessem comunhão com ele. E é o que vemos revelado no último livro da Bíblia, a acontecer na consumação da História. Deus reúne todos os redimidos, com corpos transformados, Deus cria novos céus e nova terra, Deus mostra a restauração do paraíso, e faz sua eterna habitação no meio do seu povo, enquanto os inúteis já não mais existem, porque foram aprisionados eternamente no inferno (Apocalipse 21 e 22). Mesmo tendo entrado o pecado no

Mundo, Deus prosseguiu na realização de seu plano e, na plenitude dos tempos, mandou seu Filho unigênito ao mundo para nossa salvação (Gálatas 4:4,5). E agora, pelo evangelho, Deus está procurando, alcançando e salvando mais e mais pessoas para pertencerem ao seu povo que o glorificará por toda a eternidade.

CONCLUINDO

Todos nós recebemos forte carga de propaganda materialista e evolucionista pela imprensa, televisão, escolas e faculdades. É preciso que fortaleçamos nossa consciência na fé e não deixemos nossos sentidos se envaidecerem, para trocarmos o que a Bíblia ensina pelo que homens sem Deus, sem base e sem esperança dizem, pela vaidade de seus argumentos. Glorifiquemos a Deus, como suas criaturas, reconhecendo que Ele nos criou, anunciando o seu propósito para o homem, que é a salvação eterna, amando e cuidando dos nossos semelhantes que são criados por Deus tanto quanto qualquer um de nós.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - *Gênesis 1:26-31;*
- Terça - *Gênesis 2:7-24;*
- Quarta - *Salmo 8:1-9;*
- Quinta - *1Coríntios 15:19-26;*
- Sexta - *Apocalipse 21:1-7;*
- Sábado - *Apocalipse 22:1-5*

Estudo 6

JESUS É O NOSSO PERFEITO SUMO SACERDOTE

Textos bíblicos: Exodo 28:1-29; Hebreus 4:14-5:11; 9:6-15, 24-28; 10:1-25

A síntese do Novo Testamento a respeito das funções de Jesus, como Filho de Deus, é que ele é profeta, sacerdote e rei. Jesus desempenhou em seu ministério a missão de profeta, que consistia em apresentar aos homens a revelação de Deus, a manifestação de sua vontade, sua glória, seus preceitos e planos, e em exortar o povo a crer e organizar sua vida em conformidade com essa revelação, ou seja, que submetessesem à vontade de Deus. Jesus foi a revelação completa, pessoal, de Deus como pessoa, e da vontade de Deus. Jesus, é, também, Rei (João 18:37-38, Efésios 1:22, 1Coríntios 15:25, Apocalipse 11:15). Quanto ao ofício de sacerdote, é o tema a ser desenvolvido neste estudo: Jesus é o nosso grande sumo sacerdote. Em tudo perfeito, em tudo superior aos sacerdotes do Antigo Concerto.

O SACERDÓCIO ANTIGO

Ler êxodo 28:1-29. O sacerdócio foi instituído por Deus, para o povo de Israel, pouco depois de iniciada a peregrinação no deserto, em demanda da Terra Prometida, após a libertação do cativeiro no Egito. Deus mandou separar Arão e seus filhos para o sacerdócio, e Arão para

ser o sumo sacerdote. Logo a seguir, Deus orientou Moisés quanto à preparação das vestes sacerdotais e finalmente sobre a cerimônia de consagração dos sacerdotes. Nas vestes encontram-se símbolos que prefiguram a glória de Jesus e a obra que ele viria realizar para expiação dos pecados. Vejamos alguns simbolismos:

1. As vestes seriam para "glória e ornamento" (v.2). Não glória de Arão, mas revelação das belezas eternas de Deus que estava agindo no mundo no sentido de providenciar o meio de libertar os homens do domínio do pecado. O sacerdote seria, assim, um tipo de Jesus, o Filho de Deus que haveria de vir.

2. A função do sumo sacerdote era levar à presença de Deus todo o povo de Israel. Por isso, haveria nas vestes duas ombreiras, sobre as quais seriam colocadas duas pedras sardônicas, uma em cada ombreira; e sobre essas pedras seriam escritos os nomes das doze tribos de Israel, seis em cada, para serem levados à presença de Deus, para que este se lembrasse deles (v. 9-12).

Nesse simbolismo há um significado conovente: o sumo sacerdote devia ter suficiente força

para carregar sobre seus ombros o povo com todos os seus pecados, e assim o apresentaria a Deus, e ofereceria o sacrifício para expiação. É exatamente o que o Senhor Jesus fez. A propósito, 700 anos antes de ele nascer, já o profeta Isaías profetizava assim (Isaías 53:4,5).

3. Além de levar o povo à presença de Deus, o sacerdote devia tê-lo no coração. Em outras palavras, sua atuação devia ser feita com amor. Na roupa do sacerdote haveria um peitoral, e nele seriam engastadas doze pedras dispostas em quatro grupos de três. "segundo os seus nomes" (dos filhos de Israel); "E assim Arão levará os nomes dos filhos de Israel no peitoral do juízo sobre o seu coração, quando entrar no lugar santo, para memorial diante do Senhor" (v. 21 e 29). A essas doze pedras, deviam ser acrescentadas duas outras, designadas Urim e Tumim, cujos sentidos são "luz e perfeição". Elas também estariam sobre o coração do sacerdote quando entrasse na presença de Deus: "(...) assim Arão levará o juízo dos filhos de Israel sobre o seu coração diante do Senhor continuamente"(v.30). A apresentação dos pecados, e das causas de conflitos de interesses de dos israelitas, para que Deus exercesse juízo, era feita com amor, com iluminação e com o ideal de perfeição. Por outro lado, o simbolismo era, também, de que os julgamentos do povo de Israel eram feitos pelo Deus da luz e da perfeição. Todo esse simbolismo se cumpre na pessoa e no ministério do Senhor Jesus (1João 4:9).

JESUS É O GRANDE SUMO SACERDOTE DO NOVO TESTAMENTO

O autor da Carta aos Hebreus expôs aos leitores fatos que colocam Jesus como superior aos anjos, superior a Moisés e à Lei, superior aos sacerdotes do Antigo Testamento e que tem a supremacia na revelação de Deus aos homens. Jesus é o sumo sacerdote do Novo Concerto de Deus, substituindo o Antigo Concerto (Hebreus 8:1,6,8,10,13).

Jesus Cristo é, portanto, o nosso grande sumo sacerdote:

1. Por causa de sua natureza (Hebreus 4:14-16) - Ele é Deus e é homem. Como homem, é perfeito, sem nenhum pecado. Os sacerdotes escolhidos entre os homens tinham suas próprias fraquezas e pecados e tinham que oferecer sacrifícios por seus próprios pecados, para que não pudessem entrar no santuário para oferecer sacrifícios pelo povo (Hebreus 5:1-3). Mas Jesus nunca pecou, e como Deus e homem, exerceu o sacerdócio perfeito. Em tudo ele foi tentado, mas em tudo foi vitorioso (4:15).

2. Porque realizou o que nenhum outro sacerdote poderia ter feito: "penetrou os céus". Os sumos sacerdotes tinham que oferecer sacrifícios por si próprios para, então, poderem sentar, uma vez por ano, no lugar santíssimo (lugar da presença de Deus) no tabernáculo e no templo (Levítico 16:2,6,11). Esse lugar era uma alegoria, simbolizando a verdadeira habitação de

diam compreendê-lo e comunicar-se com ele.

As ciências distanciadas de Deus, resultantes de forte dose de vaidade e arrogância de homens desvanecidos com seus próprios argumentos, criou as deturpações que hoje são ensinadas nas escolas e universidades, com a consequência de desonrarem a Deus, em vez de glorificá-lo. O fato de que descendentes de Adão, em determinadas eras muito primitivas, lutando contra as adversidades da maldição, tenham tido que habitar em cavernas e caçar para se alimentarem, não significa que toda a humanidade tenha passado, obrigatoriamente, por essa fase. Alguns grupos, sim. A humanidade, não.

NATUREZA DO HOMEM

A Bíblia diz que o homem foi criado dos elementos da terra, e que Deus lhe deu o espírito, soprando-lhe o fôlego da vida (Gênesis 2:7), do que resultou ser ele uma alma vivente. Isso significa que o homem tem em sua constituição dois elementos: o corpo, que é feito dos elementos de que são feitas todas as coisas que existem na terra, e o espírito, que o tornou diferente de todos os demais seres. Sua parte material é um complexo organismo que serve de habitação para o espírito, também criado por Deus, o qual se utiliza dele para o relacionamento com o mundo exterior.

Além da natureza material e espiritual, o homem é dotado da semelhança com Deus. Isso quer dizer que ele reflete, na vida contingente, física, material,

temporal e moral, as riquezas da natureza do próprio Deus, que é espírito puro e insondável. Dessa maneira, a criação do homem serviu para glorificar a Deus, porque exterioriza, torna visíveis as maravilhas e belezas da natureza de Deus. A mente do homem é uma mente semelhante à mente de Deus, porque o homem pode entender a revelação de Deus e discernir a vontade dele para sua vida.

É essa capacidade de exteriorizar as faculdades, ou atributos de Deus, pensando, sentido, querendo, deliberando, realizando, tendo consciência de si próprio, tendo consciência do bem e do mal, e podendo deliberar o rumo que quer imprimir às suas atividades, no exercício da vontade, que torna o homem diferente de todos os seres demais viventes.

A semelhança do homem com Deus é, evidentemente, espiritual e moral. Entretanto, sendo Jesus o verbo, e sendo o verbo a forma eterna da manifestação exterior de Deus, da expressão de Deus, e tendo sido nós eleitos nele para a glória de Deus em toda a eternidade, para sermos como o Verbo é, não é difícil crermos que na eternidade há um padrão que na História recebeu o nome de Jesus, e que o homem foi criado à semelhança desse padrão, também quanto à forma.

Há uma corrente de teologia chamada "tricotomista" que defende a idéia de que o homem tem corpo, alma e espírito. Entretanto, "é uma idéia errônea (...) Geralmente, quando os escritores sagrados faziam uso destes dois termos - alma

doutrina do homem, a saber, da disposição que adotarmos dependerá nossa atuação no mundo, como servos de Deus.

A ORIGEM DO HOMEM

O homem não é resultado da evolução de seres inferiores que, a partir de uma simples célula, tenha chegado à posição atual. A Bíblia ensina que a origem do homem está em Deus. Foi ele quem criou o homem. Essas duas concepções deram origem a duas correntes de pesquisa, a respeito do homem, que são a corrente evolucionista e a corrente criacionista. Somente a vaidade de homens que se afastaram de Deus e se desvaneceram com seus próprios argumentos (Romanos 1:21) poderia levar alguém a pensar na vida sem uma causa que a determinasse, e que, a partir da forma mais rudimentar e simples, tenha evoluído para formas mais complexas até chegar ao homem, sem que houvesse uma inteligência, uma vontade planejando, criando, conduzindo. Materialismo e evolucionismo não são coisas sérias.

As Escrituras ensinam que Deus criou o homem, um somente, em um só lugar, e não uma porção de homens, em vários lugares em tempos diferentes (Gênesis 2:7-24; Malaquias 2:15; Atos 17:26). O homem não foi obra do acaso, porém resulta de um planejamento e de um propósito. Essa determinação de Deus está na expressão "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gênesis 1:26).

Depois de criar o homem, Deus criou a mulher, tirando-a do próprio

corpo desse (Gênesis 2:18-25), para que formassem uma só unidade e, ao constituírem família, pelo casamento, marido e mulher fossem uma só carne indivisível (v.23).

Depois de criar o homem, Deus lhe deu responsabilidades. Deus o colocou no jardim do Éden para lavrá-lo e guardá-lo (Gênesis 2:15), e deu-lhe o primeiro código de comportamento, uma lei de um só artigo, que foi a ordem para obedecê-lo (2:16-17), delimitando a liberdade do homem no tocante à sua autodeterminação.

Além de ter dado ao homem trabalho definido e responsável, e também uma lei moral, exigindo obediência, Deus lhe deu a incumbência intelectual de dar nomes aos animais que faziam parte de sua experiência no jardim do Éden (2:19-20). O homem não era um ser bruto, desprovido de inteligência e sensibilidade como querem os evolucionistas, mas foi criado como ele é. A civilização é resultado de um longo processo de aprendizagem e domínio de ciências, de técnicas, e do exercício da criatividade, porém, o primeiro homem, ao ser criado por Deus, já era pessoa inteligente, moral e espiritual, distinguindo-se de todos os demais seres, e colocado por Deus acima de todos eles (2:28). A própria tentação a que Eva foi submetida revela que tanto Adão com Eva eram criaturas morais, inteligentes, dotadas de capacidade de discernimento, avaliação e pensamento, logo possuidoras de vontade para decidir. Sua mente tinha a mesma natureza da mente de Deus, porquanto po-

Deus, ainda a se manifestar (Hebreus 9:6-9). Mas Jesus entrou no verdadeiro e eterno santuário (Hebreus 9:24). A idéia da expressão "penetrou os céus" é que Jesus atravessou diretamente os céus até chegar ao próprio trono de Deus *The Pulpit Commentary*. Wm.B. Eerdmans Publishing Company, v. 21, p. 113).

3. Porque Jesus é sacerdote eterno. Todos os sacerdotes do Antigo Concerto eram substituídos por outros, porque morriam. Mas Jesus é o sacerdote que não morre, eterno, que nunca é substituído: "E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer. Mas este [Jesus], porque permanece para sempre, tem o seu sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, por quanto vive sempre para interceder por eles" (Hebreus 7:23-25).

4. Porque o sacrifício que ele ofereceu é o sacrifício perfeito. Os sacerdotes ofereciam sacrifícios simbólicos de animais. Jesus ofereceu-se a si próprio; os sacerdotes ofereciam sangue de animais, Jesus ofereceu o próprio sangue: "(...) e não pelo sangue de bodes e novilhos, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez por todas no santo lugar, havendo obtido uma eterna redenção. Porque, se a aspersão do sangue de bodes e de touros, e das cinzas duma novilha santifica os contaminados, quanto à purificação da carne, quanto mais o

sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo?" (Hebreus 9:12-14). Os sacerdotes repetiam sempre os mesmos sacrifícios, mas o de Cristo foi um só, eficiente, definitivo, que não se repete, porque tem a virtude para ir salvando os que crêem (Hebreus 9:28, 10:11-12).

CONSEQUÊNCIAS DO SACERDÓCIO DE CRISTO PARA OS CRISTÃOS

O fato de termos em Cristo Jesus o nosso grande sumo sacerdote eterno, em tudo perfeito, que ofereceu o sacrifício perfeito, que está entronizado no verdadeiro santuário, traz, para os crentes, as seguintes consequências:

1. Segurança absoluta de termos a salvação - Oferecendo-se a si mesmo, não num santuário provisório e figurativo, mas eterno, no altar de Deus, ele se fez causa de eterna redenção (Hebreus 9:12). Pelo seu sacrifício perfeito, ele nos redimiu, nos libertou da pena do pecado, e essa redenção não é temporária, mas eterna. Erram, portanto, os que pensam que o convertido, o salvo, possa perder a salvação.

2. Certeza de estarmos justificados por Deus - "Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados (...) E não me lembrarei mais de seus pecados e de suas iniquidades" (Hebreus 10:14,17). Nós não somos

apenas perdoados. Somos aceitos aos olhos de Deus como sendo justos, porque a justiça de Jesus nos é atribuída quando cremos nele. Por causa do sacrifício do Filho por nossos pecados, Deus não somente perdoa, mas se esquece deles.

3. Estabelecimento do sacerdócio universal - Quando Jesus penetrou os céus e foi exaltado no santuário de Deus, onde está, à sua direita, o caminho para o trono de Deus foi aberto, de modo que cada crente em Jesus não precisa mais de sacerdote humanos que o represente diante de Deus. Nós próprios podemos comparecer confiadamente perante o trono de sua graça, para sermos ajudados (Heb. 4:14,16, 10:19-22).

Esse novo caminho, aberto pelo sangue de Jesus, estabeleceu-se no momento quando ele expirou na cruz do Calvário, pagando nossos pecados com seu próprio sangue. Naquele momento, todo o provisório do culto sacrificial a sacerdotal que Deus tinha estabelecido através de Moisés chegou ao seu ponto final. E como demonstração objetiva disto, o véu, que separava, no templo, o lugar santíssimo, figura do lugar da habitação de Deus, rasgou-se de alto a baixo. Não havia mais separação entre Deus e os homens, porque Cristo havia feito a reconciliação (Mateus 27:51). Esse novo caminho, aberto pelo sangue de Jesus, estabeleceu-se no momento quando ele expirou na cruz do Calvário, pagando nossos pecados com seu próprio sangue. Naquele momento, todo o aspecto provisório do culto sacrificial a sacerdotal que Deus tinha estabe-

leido através de Moisés chegou ao seu ponto final. E como demonstração objetiva disto, o véu, que separava, no templo, o lugar santíssimo, figura do lugar da habitação de Deus, rasgou-se de alto a baixo. Não havia mais separação entre Deus e os homens, porque Cristo havia feito a reconciliação: "E eis que o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo" (Mateus 27:51).

CONCLUINDO

Cheguemos com confiança ao trono da graça. Podemos e devemos estar em constante comunhão com Deus e em oração, porque o caminho foi aberto, e no nome de Jesus cada crente pode se aproximar de Deus e, pela mediação de Jesus, pode lhe falar. Valhamo-nos desse altíssimo privilégio que nos foi concedido, levando a Deus nossa adoração e louvor, e levando-lhe tudo quanto nos aflige (Heb 4:14; 10:22), retendo com firmeza a confissão de nossa esperança, sem esmorer em testemunhar, em evangelizar, em contar aos outros que temos no céu o grande sumo sacerdote (Heb. 10:23).

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - *Êxodo 28.1-29***
- Terça - *Hebreus 4.1-14***
- Quarta - *Hebreus 5.1-11***
- Quinta - *Hebreus 9. 6-15***
- Sexta - *Hebreus 6.24-28***
- Sábado - *Hebreus 10.1-15***

Estudo 8

A DOUTRINA DO HOMEM

Textos bíblicos: Gênesis 1:26-31; 2:7-24; Salmo 8:1-9; Malaquias 2:15; Atos 17:26; 1Coríntios 15:19-26; Apocalipse 21:1-7; 22:1-5.

O homem não sabe o que é, de onde veio, nem qual a sua finalidade, nem qual o seu destino. A propósito, o Dr. Alex Carrel, no seu antigo livro *O Homem, Esse Desconhecido*, diz que "nossa idéia do homem varia segundo nossos sentimentos e as nossas crenças. Um materialista e um espiritualista aceitam a mesma definição de um cristal de cloreto de sódio. Mas não se entendem sobre a definição do ser humano" (Trad. Portuguesa de Adolfo casais Monteiro. Porto, Portugal: Editora Educação nacional, p. 17-18).

A preocupação com o que somos aparece também nas Escrituras, no Salmo 8. O salmista, contemplando à noite o céu oriental com miríades de estrelas, bradou dentro de si mesmo: "Que é o homem, para que te lembres dele?"(v. 3,4).

A Psicologia define o homem como "gênero animal da classe dos primatas e que se distingue de todos os demais animais pela linguagem oral simbólica e escrita, pela leitura, pelo cálculo, pela fabricação de utensílios, pela sua organização social bastante flexível, pela adaptação dos elementos da natureza às suas necessidades e pelo seu poder de criação" (DORIN, E. *Dicionário*

de Psicologia. Edições Melhoramentos, 1978, p. 132). É uma concepção que exclui completamente a idéia da criação do homem por Deus. É uma concepção tão materialista que nem ao menos inclui, como elemento de diferenciação entre o homem e os animais, a sua consciência moral e natureza religiosa.

No terreno da teologia também há divergências a respeito da natureza do homem. Há, por exemplo, a corrente individualista, que atribui valor ao homem-indivíduo independentemente da sociedade de que faça parte, vendo num só homem tanto valor que ele sozinho é superior a todo o valor material existente na terra, e orienta-se no sentido da evangelização para salvação das pessoas como indivíduos; enquanto outros assumem concepção totalista, que vê o homem não como um ser individual, mas como ser total, ou seja, o homem sendo a sociedade, procurando, consequentemente, atuar de modo a "salvar" a sociedade, as instituições, aplicando suas atividades práticas à política, economia e educação.

Há, portanto, um valor prático em estudarmos adequadamente a

invés de se embriagarem como vinho. Acham alguns que ele está ordenando aos crentes que se esforçem em buscar o “batismo com o Espírito Santo”, o que é um equívoco de interpretação. Já vimos que batismo com o Espírito Santo foi um evento histórico, em tempo determinado por Deus, com sinais sensíveis, para assinalar o cumprimento das promessas de derramamento do Espírito Santo, e para unir todos os povos num só, formando o povo de Deus; e que, desse evento histórico, destacamos a virtude do Espírito cuja atuação é constante através dos séculos. Na passagem citada, o que o apóstolo faz é estabelecer “contraste entre dois modelos de comportamento, o dos ímpios e o dos servos de Deus”. “Primeiro, ele os exortou a andarem como é digno da vocação com que haviam sido chamados (Efésios 4.1); depois, ele demonstrou que os gentios não convertidos andavam na vaidade do seu sentido (Efésios 4.17,19); a seguir, ordena aos efésios que se despojem do velho homem e se revistam do novo para, finalmente, exortá-los a se encherem do Espírito” (LIMA, Delcyr de Souza. *O Pentecoste e o Dom de Línguas*, Rio de Janeiro, p. 83-84). Para os ímpios, a alegria vinha da bebida, como acontece ainda hoje; mas para os crentes, a alegria é o viver cheio do Espírito. Como? Ele mesmo ensina que é na perseverança de um culto espiritual, de comunhão com Deus e o irmão em Cristo, que o crente se enche do Espírito Santo (Efésios 5.19-21).

À medida que o crente servera na oração, na leitura e meditação da Bíblia, na participação dos cultos da igreja e na vida devocional, no exercício de uma só consciência, e procura andar sinceramente na presença de Deus, em obediência, ele vai sendo cheio do Espírito Santo. E, em sua vida, se evidenciam os sinais de que ele tem o fruto do Espírito referidos por Paulo: “Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade” (Gálatas 5.22).

CONCLUINDO

O crente não deve se inquietar por causa de opiniões de pessoas que não têm convicções batistas. Deve, antes, procurar estudar mais sobre o assunto, e manter constante comunhão com o Espírito Santo vivendo conforme os ensinamentos do Senhor Jesus Cristo contidos no Novo Testamento.

Assim ele estará sendo capacitado pelo Espírito Santo para algum aspecto de serviço na cauda de Deus, e a única coisa que deve fazer é seguir as inclinações que o Espírito vai mostrando ao crente.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Atos 1.1-8**
- Terça - Atos 2.1-15**
- Quarta - Joel 2.28-32**
- Quinta - Gálatas 5.16-26**
- Sexta - Efésios 5.18-21**
- Sábado - Atos 11.1-18**

Estudo 7

A DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO

Textos bíblicos: Joel 2.28-32; João 14.15-26; 16.1-15; Atos 1.4-8; 2.1-4; Gálatas 5.16-26; Efésios 5.18-21.

É importante para a vida cristã, que todo crente em Jesus tenha uma compreensão adequada da doutrina do Espírito Santo. Em parte, porque é Ele quem habita em nós, nos guia em toda a verdade, nos consola, nos capacita para os vários aspectos do serviço cristão; e, por outro lado, porque é a doutrina sobre a qual maiores controvérsias têm surgido, ensejando desvios e incompreensões que, por um lado levam muitas pessoas a práticas estranhas à verdade, que se configuram como um modelo de vida de superstição, de fanatismo e temeridade, que em nada glorificam ao Senhor Jesus, ou, por outro lado, levam muitas pessoas a uma atitude de alheamento e de desinteresse, responsável por uma vida de negligência em relação à santificação e em relação à plenitude do Espírito Santo para uma vida de virtude, de poder sobre o pecado, de poder sobre as trevas, de poder para o testemunho, para a interpretação da vontade de Deus, para a realização da obra de evangelização e de missões.

Quanto às distorções que os de fora fazem a respeito do Espírito Santo, elas não nos atingem de maneira significativa; não oferecem

perigo à nossa fé nem ao nosso comportamento. Já as distorções que evangélicos fazem, ao interpretarem a atuação do Espírito Santo em nossa vida, os dons que ele concede aos crentes, e a questão do batismo com o Espírito Santo, essas, sim, são de consequências importantes, e precisamos estar apercebidos e procurar conhecer o ensino da Palavra de Deus.

QUEM É O ESPÍRITO SANTO ?

Sabemos que Deus age de modo a revelar três pessoas distintas, da mesma essência: como Deus Pai, como Deus Filho e como Deus Espírito Santo. Então, o Espírito Santo é o próprio Deus, agindo de modo pessoal e individualizado, para dar continuação à obra do Senhor Jesus, até levá-la à consumação. É o Espírito de Deus que nos foi dado, para habitar conosco, e nos guiar em toda a verdade, e nos consolar, e nos capacitar para a obra do reino de Deus.

O Espírito Santo não é uma influência, apenas; não é uma emanação despersonalizada, saída de Deus; não é uma tendência de bondade que o homem, ao se

converter, começa a liberar de dentro de si mesmo, não. O Espírito Santo é uma pessoa; além disso, é uma pessoa divina.

As passagens que mencionamos a seguir revelam que o Espírito Santo é uma pessoa:

1. O Senhor Jesus prometeu que, indo para o Pai, este daria aos discípulos "outro Ajudador" (Consolador) - João 14:16. Com isso deixou claro que estava se referindo a uma pessoa, porquanto viria para fazer o que ele, Jesus, fazia na função de Consolador. Para substituir uma pessoa, para continuar a missão de uma pessoa, somente outra pessoa.

2. O Espírito Santo é sempre mencionado no Novo Testamento como tendo atributos de pessoa, como segue:

a) **O Espírito Santo ensina:** João 14:26.

b) **O Espírito Santo intercede diante de Deus pelos crentes:** Romanos 8:26,27.

c) **O Espírito Santo tem sentimentos:** Efésios 4:30.

d) **O Espírito Santo é dotado de vontade, de autodeterminação:** Atos 16:7.

e) **O Espírito Santo convence o mundo:** João 16:8. Convencer envolve um processo mental de argumentação, de exposição de idéias e valores, e somente uma pessoa pode fazer isso. Semelhantemente, envolvendo essa atividade mental, o Espírito guia o crente em toda a verdade e glorifica a Jesus. Ele interpretou a pessoa de Jesus e completou a revelação através dos

escritores do Novo Testamento. Além disso é ele quem vem iluminando a mente dos crentes, no exame dessas revelações, para que as compreendam segundo a verdade, e, nesse processo, vai manifestando a realidade, a majestade e o poder do Senhor Jesus.

3. O Espírito Santo é designado pelo nome de "Consolador", tomado do ofício divino que ele veio realizar, o de consolar os servos de Deus. Consolar é uma função que envolve consciência, sentimento, inteligência, determinação e um processo de comunicação para levar a pessoa a se revigorar, a sentir paz, esperança e segurança (João 14:16; 15:26; 16:7).

A seguir, relacionamos algumas passagens que evidenciam que o Espírito Santo é mais do que uma pessoa; é uma pessoa divina:

a) **Seu nome aparece na Bíblia em igualdade com o Pai** (Mateus 28:19; 2Coríntios 13:13).

b) **O Espírito Santo é apresentado como o espírito de Deus** (Ezequiel 36:27; Gênesis 1:2).

c) **O Espírito Santo é também chamado de "Espírito de Cristo"** (Atos 16:6,7).

À luz de tudo o que temos examinado, podemos concluir, portanto, que o Espírito Santo é o próprio Deus, que se manifesta e age como uma pessoa individualizada, sem qualquer limitação, nem de tempo nem de espaço, para a continuação da realização da obra começada pelo Senhor Jesus.

TODO CRENTE TEM, HABITANDONELE, O ESPÍRITO SANTO

Quando uma pessoa reconhece seus pecados e se arrepende, e crê em Jesus como Filho de Deus, e a ele se entrega pela fé, naquele momento é regenerada, torna-se filho de Deus, e o Espírito Santo vem habitar em seu ser. Não existe um crente, sequer, que ainda não tenha o Espírito Santo, e precise exercer atividades e expedientes para recebê-lo. Essa verdade é bastante clara mesmo no Antigo Testamento, conforme se encontra em Ezequiel 36:26,27.

Dirigindo-se aos crentes de Roma, o apóstolo Paulo lembrou-lhes sua nova natureza, e afirmou claramente que a condição para que se alcance essa natureza é ter o Espírito (Romanos 8:11).

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

Somos todos nós, crentes em Jesus, batizados com o Espírito Santo, ou é necessário que isso seja buscado, como uma segunda experiência, ou segunda bênção? O apóstolo Paulo, ensina, claramente, que todos nós fomos batizados com o Espírito Santo (1Coríntios 12:13).

Pouco antes de subir para o céu, o Senhor Jesus prometeu que enviaría o Espírito Santo. E no dia de Pentecostes, estando os discípulos reunidos, aconteceu o cumprimento dessa promessa (Atos 2:1-13). Esse evento ficou conhecido como "batismo com o Espírito Santo".

A respeito dele, é necessário considerar que o acontecimento do dia de Pentecostes foi um evento, para cumprir uma promessa feita desde os tempos do profeta Joel (Joel 2), e renovada pelo Senhor Jesus. Foi o início do ministério do Espírito Santo; e desse evento, precisamos destacar duas realidades: primeiramente a realidade histórica, lembrando-nos de que um fato, um acontecimento histórico, não se repete mais, como tal; em segundo lugar, a a realidade espiritual, de virtude, lembrando-nos que essa realidade é a presença do Espírito Santo, a partir do evento. Essa realidade, a virtude do Espírito, começou a atual no dia de Pentecostes, e continua a atuar através dos séculos, até nossos dias. Quando o apóstolo Paulo disse aos coríntios que todos haviam sido batizados no mesmo Espírito, estava se recordando do fato de que ele se manifestara sobre os judeus, no dia de Pentecostes, sobre os samaritanos, sobre o gentio Cornélio e sobre os efésios, e dessa forma uniu todos, judeus e gentios, formando um só povo.

Quando uma pessoa se converte, e abrindo o coração recebe Jesus como Salvador, é colocada por Jesus mesmo na esfera da existência, atuação e ministério do Espírito Santo.

DEVEMOS PROCURAR SER CHEIOS DO ESPÍRITO SANTO

Em Efésios 5:18, o apóstolo Paulo exorta aqueles crentes a se encherem do Espírito Santo, ao